

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
GRAZIELA BATISTA LIMA

MEMORIAL ODOYÁ

VITÓRIA DA CONQUISTA
2015

GRAZIELA BATISTA LIMA

MEMORIAL ODOYÁ

Memorial Descritivo apresentado ao curso de Cinema e Audiovisual da UESB, como requisito parcial para obtenção de graduação em bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientadora: Professora Doutora Adriana Silva Amorim

VITÓRIA DA CONQUISTA

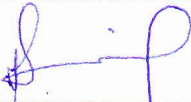
2015




Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Recredenciada pelo Decreto Estadual Nº 9.996, de 02.05.2006

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos quatorze dias do mês de outubro de dois mil e quinze, às oito horas, na Sala de Exibição Jorge Melquisedeque, no *campus* de Vitória da Conquista, realizou-se a defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade Roteiro de Longa Metragem, intitulado “Odojá”, de autoria da estudante Graziela Batista Lima para obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Integraram a Banca os Professores Adriana Silva Amorim (Orientadora), Cristiano Figueira Canguçu (Área de Cinema e Audiovisual-DFCH), Paulo Henrique Correia Alcântara (UFBA). A orientadora abriu a sessão agradecendo a participação dos membros da Banca Examinadora, em seguida convidou a estudante para que fizesse a exposição do trabalho. Finalizada a apresentação, cada membro da Banca Examinadora realizou a arguição da estudante. Dando continuidade aos trabalhos, a orientadora solicitou a todos que se retirassem da sala para que a Banca Examinadora pudesse deliberar sobre o trabalho apresentado. Terminada a deliberação, a orientadora solicitou a presença de todos e leu a ata dos trabalhos declarando a referida estudante aprovada com sugestões de correções para o trabalho com nota final 8,9. Em seguida, deu por encerrado os trabalhos lavrando a presente ata que vai assinada por todos os membros da Banca Examinadora.



Adriana Silva Amorim
Presidente



Cristiano Figueira Canguçu



Paulo Henrique Correia Alcântara

Dedico ao mar, por ser sempre uma fonte de inspiração.

Agradecimentos

Agradeço a grande, louca e maravilhosa família que eu tenho, onde o amor é intenso e insano. Minha avós, minhas divas, Maria da Conceição e Maria Rosa, meu pai Dourival Lima. Agradeço aos fantásticos tios, Wilson, Hildebrando e Kleber, as minhas tias-mães Maria Domitília, Rita de Cássia, Patrícia, que também é a minha Dinda. Agradeço a Francisco, marido da minha Dinda, mas um tio que ganhei de presente.

Agradeço a meus primos-irmãos: Wilson Junior, Hildebrando Neto, Márcio Filho, Hanna, João Marcos, João Maurício, Airam e Villen. A Marcos, marido de minha tia, que em momentos de tensão, sempre ajuda para o clima ficar mais leve. A Joelma, vizinha do meu tio, que me acompanhou nos meus registros na festa de lemanjá.

Agradeço aos professores do curso de cinema, sempre atenciosos e dispostos a ajudar: Cristiano Canguçu, Macelle Khoury, Márcio Venâncio, Filipe Gama, Aline Caldas, Glauber Lacerda, Rogério Luis, Milene Gusmão, Mônica Medina. Um agradecimento cheio de saudades para o professor Paulo Âlcantara. Agradeço especial para minha orientadora Adriana Amorim, que infelizmente não foi minha professora, mas como lemanjá e Deus são sensacionais, pude conviver com Drica nesse finalzinho de curso. Obrigada Drica pela horas dedicadas e por a honra de trabalhar com você.

Agradeço aos colegas malucos e nossos momentos de loucuras: Anderson, Cristina, Flávia, Maralina Maíra, Maria Andreia, Patrícia e Thássila. Aos colegas Gabriel José e Sérgio OSilva, que sempre estiveram dispostos a ajudar. Um agradecimento especial para Renato, que estava pronto para socorrer quando chegávamos desesperados na sala de edição.

Sempre existem muitas pessoas para agradecer, por hora, fico com esses anjos.

Resumo

O presente memorial analítico relata a criação do roteiro de longa-metragem *Odoyál* para o qual foi realizada uma pesquisa sobre o processo criativo de um roteiro de longa-metragem, a partir dos princípios apresentados nas obras dos autores Robert McKee, Syd Field, Flávio de Campos e depoimentos de roteiristas reunidos na obra de Linda Seger e E.J. Whetmore. Também foram realizados estudos sobre a cidade de Salvador, guiados sobretudo pela obra de Antônio Risério. Foram realizadas ainda, viagens para a capital do estado, com objetivo de promover uma reflexão acerca das festas populares, em especial a festa de Iemanjá, cenário principal do roteiro e objeto de reflexão deste memorial.

Palavras-chaves: Roteiro, Salvador, Iemanjá.

Apresentação

“Tudo começou há um tempo atrás na ilha do sol”. (*Milla*, Manno Góes)

Quando a composição *Milla* de Manno Góes estorou na voz de Netinho, eu ainda não conhecia o mar. Mas, ouvia minha avó cantar essa música o tempo todo e falar sobre o mar. Acho que foi ali que meu amor pelas águas começou.

Hoje eu estou perto do fim do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), este é o memorial análitco do roteiro que fiz. Aqui falo um pouco do meu amor pelas águas, de como cheguei e criei a estória. Um pouco das leituras que fiz, dos filmes que assisti.

Nesse memorial eu abro meu coração, para falar da estória que estou criando há meses, das dificuldades e momentos de desespero. Mais do que um memorial, este é o meu diário. Relato de uma fase, o finalzinho da graduação, que me deixa cheia de expectativas e medos.

Já faz mais de um ano que estou envolvida nesse projeto. Mergulhada no mundo dos roteiros, em Salvador. Leituras, filmes, livros, reportagens, notícias, tudo que assisti, li, pesquisei, tinha a ver com meu tema. Foi uma loucura, que agora compartilho. Uma experiência incrível, que me deixa com gosto de quero mais. Aprender, conhecer e desvendar mais sobre esses universos. Conto um pouquinho do que descobri e aprendi, mas sabendo que ainda há muito para conhecer. Então, vou pedir emprestado uma palavrinha usada pelos meus queridos cantores de axé, para convidar vocês para conhecer um pouco da minha jornada: “Simbora?”

Lista de Figuras

Figura 01 – Pelourinho	19
Figura 02 – Corredor da Vitória	21
Figura 03 – Porto dos Tainheiros	22
Figura 04 – Escultura de Jorge Amado e Zélia	25
Figura 05 – Festa de Iemanjá	28

Sumário

1. A Promessa	10
2. A Virada: A Cidade de Salvador	15
2.1 Bairros	18
2.1.1. Pelourinho.....	18
2.1.2. Vitória	20
2.1.3 .Ribeira	21
2.1.4. Rio Vermelho	23
2.2. Festas Populares	25
2.2.1. Iemanjá	27
3. Roteiro	29
3.1. Sinopse e Argumento	31
3.2. Ficção – Fantasia	33
3.3 Personagens	34
3.4 Conflitos	37
3.5 Ato Por Ato	38
4. O Grande Truque	40
5. Referências	42

1. A Promessa

Todo truque de mágica consiste de três partes ou atos. A primeira parte é chamada A Promessa. O mágico mostra a você um objeto normal. (*O Grande Truque*, Christopher Nolan, 2006)

Hoje é 05 de Maio de 2015, são 22:57. Eu estava dormindo, falhei miseravelmente nesta tarefa. Os personagens do meu roteiro estavam na minha cabeça. Não estava pensando no roteiro em si, pensava somente nos personagens, na vida deles. Durante a tarde, fiquei pensando no memorial, no fato de não ter escrito uma palavra. Abri meu projeto no computador e nada, nada me ajudou a escrever uma linha. Não quero nem lembrar do roteiro, há quase duas semanas que não consigo escrever nada. Já tive vontade de quebrar tudo, explodir tudo, destruição total. A verdade é, ainda quero destruir tudo. Eu posso dar um título ao memorial? Na verdade eu diria que isto aqui é um diário, que na maioria das vezes é feito quando bate aquele desejo de rasgar tudo, deletar, quebrar tudo que vejo na frente. Se eu puder dar um título a essa tentativa de memorial eu colocaria “Diário de um Memorial em Crise”. É isso aí, não faço a menor ideia do que escrever ou colocar aqui. Acho que vou começar a pedir providência divina¹.

Nunca conheci um bom roteirista que já não tivesse experimentado o conflito e sofrimento, quer ele tenha se deparado com isso por acaso ou eu envolvido por meio de aventuras ou mesmo para testar a si mesmo. Hemingway dizia: “Se você não conseguiu nada sobre o que escrever, tente se enforcar. Se tiver sucesso, seus problemas acabaram, se não tiver, você terá algo sobre o que escrever.” (KELLEY, in SEGER; WHETMORE, 2009, p.38)

Este é um dos depoimentos de Bill Kelley no livro *Do Roteiro Para Tela* de Linda Seger e E.J. Whetmore (2009), que aborda as etapas de realização de um filme desde a criação do roteiro até a composição final. De fato, não existe nada pior do que encarar a folha de papel em branco e não saber o que fazer ou escrever. Sensação de estar perdida.

As ideias vêm lá de dentro e também de fora. Elas nascem das minhas próprias observações ou da necessidade de dizer algo, não

1 Depoimento registrado durante a realização do trabalho.

necessariamente uma mensagem, mas da necessidade de contar uma história. Em parte de uma necessidade de comunicar algo sobre a condição humana, de me comunicar com pessoas que possam ter as mesmas experiências, sentir as mesmas emoções, ser influenciadas e impactadas pelas mesmas histórias. (GELBART, in: SEGER; WHETMORE 2009 p.21)

No mesmo livro, Larry Gelbart fala das necessidades do roteirista em se comunicar, em transmitir algo. Escrever um roteiro é criar um mundo, mesmo que a trama aconteça no mesmo tempo, espaço ou até local em que vivemos, é um mundo, um universo paralelo, igual e ao mesmo tempo diferente do nosso mundo.

Cresci em uma família religiosa, todos os dias às seis tarde minha avó liga televisão para rezar o terço em algum canal católico. Mesmo sendo religiosa e uma mulher de fé inabalável em Cristo e Nossa Senhora, as vezes quando minha avó esquece algo, ou perde algo, ela fala em procurar alguém que jogue búzios para descobrir o paradeiro do objeto desaparecido. Não apenas ela fala isso, a minha outra avó e outras pessoas que conheço. A hora do desespero faz as pessoas invocarem uma força divina, algo superior. Isso me lembra algo que ouvi no seriado *Once Upon A Time* do canal American Broadcasting Company (ABC), nos Estados Unidos, criado por Adam Horowitz e Edward Kitsis (2011 -): “Todos querem uma solução mágica para tudo, mas se recusam a acreditar na magia”. Eu busco isso, uma história que fale da realidade, mas que se permita acreditar em magia, em algo além do humano, em uma força maior.

O amor pela estória – a crença de que sua visão pode ser expressa apenas através da estória, de que as personagens podem ser mais “reais” que as pessoas, que o mundo ficcional é mais profundo que o concreto. O amor pelo dramático – a fascinação pelas surpresas súbitas e revelações que trazem mudanças imensas à vida. O amor pela vida – a crença de que a mentira aleija o artista, de que toda de que toda verdade na vida deve ser questionada, de acordo com os motivos secretos de cada um. O amor pela humanidade – uma disposição para sentir pelas almas que sofrem, para arrastar-se dentro de suas peles e ver o mundo através de seus olhos. O amor pela sensação – o desejo de deliciar não apenas os sentidos do corpo, mas também da alma. O amor pelo sonhar – o prazer em passear por sua imaginação só para ver onde ela vai dar. O amor pelo humor – o júbilo pela graça salvadora que restaura o equilíbrio da vida. O amor pela linguagem – o encanto pelo som e o sentido, sintaxe e semântica. O amor pela dualidade – a percepção das contradições secretas da vida, uma saudável desconfiança de que as coisas não são o que parecem. O amor pela perfeição – a paixão por

escrever e reescrever à procura do momento perfeito. O amor pela singularidade – o prazer pela audácia e calma absoluta quando ela encontra o ridículo. O amor pela beleza – um sentido inato que estima a boa escrita –, odeia a escrita ruim e sabe a diferença. O amor próprio – uma força que não precisa ser autoafirmação constante, que nunca duvida de que você seja, de fato, um escritor. Você deve amar escrever e suportar a solidão. (MCKEE, 2006 pag. 33)

Assim que li esta citação em *Story* de Robert McKee (2006), livro que trabalha a criação do roteiro, pensei: “Uau! é isso! É o que eu quero! Essa passagem me tocou muito, é como se ele falasse com o meu coração. McKee ao falar sobre história, sobre arte, sonho e criação, fala de sentimento por trás desses processos. Eu amo o mar, posso ficar horas parada apenas admirando o mar e quando entro na água, não sei explicar, gosto de ir nadando e quando mais para longe da costa eu vou, mais quero ir. Eu tinha essa necessidade de falar sobre o mar e me lembro de estar na sessão de *Trampolim do Forte* (2010) de João Rodrigues Mattos. Aquela sessão despertou algo que eu não sei descrever, eu tinha encontrado o que queria e precisava. Sai do cinema com a sensação de que além de falar do mar, eu precisava que aquela história acontecesse em Salvador. Não tinha muita razão naquele meu pensamento, tinha apenas emoção, sentimento, vontade. Queria uma história que falasse de mar e de Salvador e fui atrás dela.

Todo roteiro conta uma história, uma narrativa. Sabendo disso, então eu quero contar uma história. Uma história que se passa em Salvador, que envolva o mar, uma história que tem um pé no mundo real e um pé no mundo da magia. A ocasião que pareceu perfeita para *Odoyá*, foi a festa de Iemanjá.²

O roteiro de longa-metragem é como uma homenagem ao mar, a Salvador, a Iemanjá. Através de uma ficção, Iemanjá ganha corpo e decide passar o seu dia, 02 de fevereiro, entre seus filhos. Salvador é mostrada como o reflexo das pessoas que ali vivem, baianos que lutam contra diversos obstáculos, mas que possuem fé, talento, sendo assim, sempre estão com um sorriso no rosto.

Em seus livros, Jorge Amado retratou a capital da Bahia, que ele carinhosamente chamava de “Cidade da Bahia”³, como um cenário místico. Pois como Amado fala em *Mar Morto*: “o mar é mistério que nem os velhos marinheiros

2 Os festejos em homenagem a rainha do mar, correm no dia 02 de fevereiro em Salvador.

3 A localização próximo a Baía de Todos os Santos, influencia no nome.

entendem.”(AMADO, 2009, p.09). É tentar explicar o inexplicável, mas não menos real.

Mesmo depois de morto, Quincas ainda farreou com os amigos pelas ladeiras do Pelourinho, ainda bebeu boas doses de cachaça e pode estar com Quitéria do Olho Arregalado mais uma vez, para só então descansar no mar da Bahia, no livro *A Morte e Morte de Quincas Berro D'Água* (1984) de Jorge Amado. Vadinho pode ter morrido em pleno Carnaval de Salvador, mas isso não o impediu de voltar para os braços de Dona Flor, *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (2008) Jorge Amado. É dessa cidade que trata *Odoyá*. Uma cidade em que se é possível acreditar em algo mágico.

Através de quatro personagens completamente diferentes, vamos conhecendo a cidade. Conhecendo um pouco sobre Luana, uma artista que veio de outro estado e hoje mora no Rio Vermelho e acabou se tornando jornalista. Antônio, conhecido como mestre Tuca, um professor de capoeira que perdeu o irmão e esta prestes a perder seus projetos de assistência social. Joaquim, que já não tem seu barco de pesca e não sabe como sustentar a família. Márcia, uma patricinha, garotoa extremamente mimada, que perdeu o pai e esta sem rumo na vida. Estes quatro personagens junto com Iemanjá nos guiam pelas ruas de Salvador e todos os seus “santos, encantos e axé”⁴.

Acho “massa” quando começamos a viver o roteiro, dar vida aos personagens, começam a surgir na cabeça, os diálogos vão se formando. Amo escrever diálogos. Algo que quero muito fazer e estou tentando é colocar no roteiro diálogos, mesmo que os personagens estejam na festa. Sei que o barulho é grande, gritaria de um lado, carros ligados com música alta, caixas de sons espalhadas por vários lados, rodas de capoeira, bandas percussivas. Mesmo assim dá para manter uma conversa no meio da festa.

Gosto tanto de escrever diálogos que me empolgo fácil, vou escrevendo e depois vou apagando, ou reescrevendo.

Quando comecei a escrever, Keating ainda não tinha um único aluno, era apenas um homem que falava a uma multidão sem rostos, tentando ensiná-las sobre a importância das ideias. Escrevi o primeiro esboço dessa forma, li e joguei fora, pois era constrangedor. Tinha a

4 Trecho da música *Chame Gente* de Moraes Moreira.

sensação de que não conseguiria escrevê-lo, de que não estava à altura. (SCHULMAN, in: SEGER; WHETMORE 2009, p.42)

Essa é a fala de Tom Schulman sobre quando começou a escrever o roteiro de *Sociedade dos Poetas Mortos* (1989) dirigido por Peter Weir. Até chegar no filme que conhecemos, o roteiro de Schulman passou por diversos tratamentos. Hoje, tento me controlar para não mudar o roteiro, o que quero fazer a todo momento.

Em tese, reescrever é um processo que envolve novas descobertas para o roteirista. Com o esboço inicial terminado, o roteirista pode agora se sentir mais confiante e trabalhar para fortalecer ou refinar um personagem. Talvez um novo tema, que surgiu durante o processo de escrita, precise ser ampliado. Ou talvez esteja na hora de ser um pouco mais arrojado, de acrescentar ingrediente cômicos ou atingir camadas emocionais profundas durante as cenas dramáticas. Com frequência, o doloroso processo de reescrita dará à luz um roteiro mais profundo, com ideias melhores. (SEGER; WHETMORE 2009, p. 43).

Linda Seger e E.J. Whetmore em *Do Roteiro Para Tela* (2009) fala da importância de ter o roteiro finalizado, para então conduzir a reescrita. Hoje já tenho o roteiro completo, mas não finalizado. E toda vez que pego no roteiro, o desejo de fazer alterações é grande. Parece que sempre tem algo fora do lugar para ser retirado e algo precisando entrar. Como diz o trecho acima, é um processo doloroso.

2. A Virada: A Cidade de Salvador

O segundo é chamado a virada. O mágico transforma o ordinário em algo extraordinário. (*O Grande Truque*, Christopher Nolan, 2006)

Propus falar do mar, contar uma estória que passasse em uma festa, em uma cidade. Mar, festa, cidade, aparentemente tudo comum. Mas, o mar tem uma rainha, Iemanjá, a festa é em homenagem a essa divindade e a cidade é Salvador, uma cidade de uma riqueza cultura e histórica. O que era comum, agora é extraordinário.

O fragmento a seguir, é do reguimento de Tomé de Souza assinado pelo rei D. João III, em 17 de dezembro de 1548, ainda escrito no português antigo, retirado do livro *Geografia de Salvador* de Adriano Bittencourt Andrade e Paulo Roberto Baqueiro Brandão, que discute o espaço urbano da capital ao longo dos séculos. No ano de 1548 o rei de Portugal D. João III, com o objetivo de manter o domínio sobre as terras do Novo Mundo, determinou que Tomé de Souza construísse na Baía de Todos os Santos uma fortaleza.

Fazer uma fortaleza e povoação grande e forte em um lugar conveniente para dahi se dar favor e ajuda a outras povoações e se ministrar justiça e prover nas causas que competirem a meu serviço e ao negócios de minha fazende e bem das parte...

O lugar que será mais aparelhado para se fazer a dita fortaleza, forte e que se possa bem defender e que tenha disposição e qualidade para ahi por o tempo em deante se ir fazendo uma povoação grande..., e no sitio que vos parecer melhor, ordenarei que se faça uma fortaleza de tamanho e feição requerer o longa em que a fizerdes, conformando-vos com os traços a amostrar que levais... (ANDRADE; BRANDÃO, 2009, p.40).

No ano seguinte a publicação, 1549, o fidalgo desembarca na praia do Porto da Barra para iniciar a construção da fortaleza que se tornaria a capital do Brasil Colônia, a cidade de Salvador. Só que a história da Cidade da Bahia, porém começa antes dessa data. No livro *Uma História da Cidade da Bahia* (2004) escrito por Antônio Risério, é uma viagem pelos cinco séculos de história de Salvador.

Aldeia sincrética, mistura genética e simbólica, mestiçagem permanente. Filha mameluca de naufrago lusitano tupinizado e de índia tupinanbá europeizada se casa com foragido ítalo-português acusado de assassinato em terras vicentinas... Sim: estamos nos primórdios da tessitura biossemiótica de uma peripécia história que

responde pelo nome de “Brasil”. Uma aldeia tão sincrética que, ao português que a comandava, posso chamar pelo nome indígena de Caramuru – e, à sua esposa índia, meiga flor do canibalismo, por um nome europeu, Catarina. (RISÁEIO, 2004, p.73)

Diogo Álvares naufragou onde hoje é o bairro do Rio Vermelho, numa data anterior a fundação da cidade. Mais tarde Diogo case com a índia Paraguaçu. “A lenda, conta que Caramuru só sobreviveu por ter despertado o amor de uma jovem índia Tupinambá, filha do chefe da tribo. Ele se casou com essa índia que recebeu o nome de Catarina Álvares Paraguaçu.” (2004, p.84). A história de Caramuru é narrada em *Caramuru a Invenção do Brasil*, filme de Guel Arraes que conta de forma cômica esse começo de Brasil, um começo já repleto de mistura e sincretismo.

A fortaleza construída para defender os interesses portugueses torna-se a primeira capital do Brasil. Construída com grande miscigenação, demarcação de espaços sociais, sangue, desigualdade e luta pela sobrevivência. Durante anos de história, Salvador foi palco de figuras marcantes que até hoje influenciam a cidade, como o poeta Castro Alves, um dos poetas do período romântico, que através de seus poemas combateu a escravidão. Anos mais tarde, Irmã Dulce, o Anjo Bom da Bahia⁵, lutou pelo pobres, levando uma mensagem de amor e fé por onde passava. Essa mesma terra, chama atenção pelo talento, onde a arte é forte e serve como cartão de visita para cidade, mas mais do que isso, serve também para modificar e fortalecer, como projetos como o do Olodum, uma organização não governamental que utiliza a arte em prol do bem social. Salvador infelizmente é marcada por grandes injustiças sociais, mas a cidade não se cala, sempre tem alguém protestando por melhoras, lutando por melhoras.

Ao longo do tempo, Salvador passou por diversas transformações e muitas histórias. O espaço físico se modificou e continua se modificando, afinal, todo lugar muda com o tempo. Mas, apesar das mudanças, a capital baiana ainda preserva traços que se mantêm vivos desde o período colonial, como o bairro do Pelourinho, no Centro Histórico de Salvador, que se tornou Patrimônio Mundial pela Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) no ano de 1985.

⁵ Admirada pelo seus feitos na luta pelos menos favorecidos, Irmã Dulce é conhecida com Anjo Bom da Bahia.

Salvador é, hoje, uma cidade centrada na *economia do lazer*. Com relação ao seu movimento, em nosso espaço citadinho, essa economia do lazer se organiza, basicamente, em três vertentes. Na prática, vamos encontrá-las quase que invariavelmente entrelaçadas. Mas, é certo que são também didaticamente destacáveis, ao mesmos efeitos de exposição e análise. São elas: a economia do turismo, a economia do simbólico e a economia do lúdico. Ao empregar a expressão 'economia do simbólico, tendo em vista o âmbito da produção e da comercialização da cultura, no sentido restrito do termo. É o mundo-mercado artífico-intelectual. Na 'economia do lúdico', fica a festa – ou, de um modo mais geral, a divisão. (RISÉRIO, 2004, p. 580)

A Salvador atual é centrada no lazer, no turismo, na cultura. Sendo este o grande marketing da cidade. É fácil encontrar referências sobre a cidade como “capital cultural brasileira”, ouvir o uso de frases como “baiano não nasce, estreia”, tudo contribuí para que a cidade seja não o local onde acontecem espetáculos, mas que seja ela mesmo o espetáculo. *A Invenção da Bahia* é um posfácio de Ana Maria Machado no livro *Mar Morto* (2008) de Jorge Amado, nele ela discute a obra do autor baiano como marco na criação de uma Bahia inspirada em seu universo literário e musical de Dorival Caymmi.

O escritor João Ubaldo Ribeiro escreveu que a Bahia foi inventada por Jorge Amado e Dorival Caymmi. Em sua dupla condição de baiano e romancista, João Ubaldo acertou em cheio. É com os dois que esse mito nasce, cantado em prosa e verso. E talvez *Mar Morto* seja a certidão desse nascimento. (MACHADO, 2008, p.279)

Antônio Risério, diz que Salvador vive em uma espécie de *ilha da fantasia*, com a fama de uma Bahia que está sempre alegre, de bem com a vida. Sem dúvidas, Jorge e Caymmi contribuíram para essa criação da baiana que apesar de conviver com os problemas, ainda é capaz de gritar “Sorria, você está na Bahia.” E que essa baianidade ideológica, se tornou real. Risério ainda fala, “Salvador não apenas se converteu, de um lugar naturalmente sedutor, numa profissional da sedução. Ela é, hoje, uma cidade maníaca”. (2004, p.592). Essa Bahia, inventada por Jorge Amado, parece um escudo para camuflar uma outra Bahia, com altos índices de violência, saúde precária, problemas na educação, moradia, miséria, etc., problemas de origens históricas, da exploração do ser humano. Esse lugar, parece se clamouflar na literatura, na música, na danças, nas artes em geral, não para mentir, mas para sobreviver. E como a capital do estado é destaque no turismo

mundial, essa representação acaba por se tornar justificável, um grande show. Lembro de andar pelas ruas procurando um caixa eletrônico, o sol já estava queimando meus neurônios, estava agoniada por não achar um, aí ouvi alguém gritar para mim aquele “Sorria, você está na Bahia”, naquele momento de agonia, aquilo me fez bem, me fez sorrir, então eu acenei para pessoa que gritou e continuei procurando o caixa eletrônico, só que agora, eu estava mais leve. Enfim, obrigada Salvador, você realmente consegue ser mágica.

Literariamente, esta época foi muito importante para mim, mas ainda mais do ponto de vista humano, pelo conhecimento do povo baiano que adquiri. Conheci sua, sua cultura. Para meu trabalho de escritor, estes anos foram fundamentais. Minha intimidade com a vida do povo tomou forma nestes anos em que vivi muito livremente. Eu era estudante, mas não frequentava as aulas; trabalhava num jornal, e vivia. Eu vivia! Estava em toda parte. Ia à feira de Água dos Meninos, ao mercado das Sete Portas, à meia-noite, à uma da madrugada; lá comíamos sarapatel, tripas, maniçoba, qualquer coisa, sem horário nenhum. Percorriamos todos os bordéis, tudo quanto era festa popular, festa de rua (festa das gaitas), íamos até os saveiros comer peixada, tornei-me amigo de vários capoeiristas da época, gento como Querido de Deus, conheci de perto os “capitães da areia” quando comecei a ter uma atividade política de esquerda, por volta de 1930. Foram anos fundamentais para tudo o que escrevi depois. Ainda hoje as linhas mestras do meu trabalho literário repousam sobre estes anos da minha adolescência nas ruas da cidade da Bahia. (RAILLARD, 1990, p. 39)

Mesmo apontando Amado com uma das personalidades que inventa a baianidade, é preciso dizer que o autor retratou em seus livros, aquilo que foi vivenciado por ele, como o próprio conta em entrevista a Alice Raillard em *Conversando com Jorge Amado* (1990). No livro, Amado conta sobre sua vida e obra, sobre como o fato de ter vivido perto do povo soteropolitano contribui para sua obra literária. “O milagre de Jorge Amado se dá nesse encontro mágico e efervescente entre as coisas vistas e o imaginário. Seus romances são os de um visionário.” (RAILLARD, 1990, p. 14). Amado une o universo imaginário presente na Bahia com a realidade, criando um forte reconhecimento de universo baiano que ganhou fama internacional.

2.1 Bairros

Grande parte do roteiro se passa no Rio Vermelho e com cenas externas. É lá que todos os personagens se encontram, mas nem todos vivem por lá. Antônio, o mestre Tuca, mora no coração do Centro Histórico de Salvador, o Pelourinho.

2.1.1 Pelourinho

O espaço urbano, que somente no século XIX veio a chamar-se Pelourinho, segundo os mesmos autores, surgiu com a primeira expansão da cidade, na segunda metade do século XVI, quando padres carmelitas calçados construíram o Convento Nossa Senhora do Carmo fora dos limites da cidade da paliçada, acontecendo, nesse espaço vazio, entre o Terreiro de Jesus e o Convento do Carmo, a primeira ocupação da área. (PINHEIRO; SILVA, 2004, p.73)



Figura 1: Pelourinho, Grazy Lima, 2015.

Tombado pela UNESCO como patrimônio da humanidade, o Pelourinho (figura 01) se tornou um lugar mágico para o turista, um encontro de passado com o presente. O colorido das casas antigas, ruas de pedras, becos pequenos, tudo isso servindo de inspiração para os turistas que circulam com câmeras nas mãos, celular e a sensação do momento, o *pau de selfie*⁶.

Se você chega por lá cedo, tudo ainda está calmo. Do grande número de lojas, poucas estão abertas. Conversando com um garçom que arrumava a parte

6 Tripé usado manualmente para posicionar o celular com segurança, enquanto se tira um auto-retrato.

eternas de um restaurante para abrí-lo, fiquei sabendo que o Pelô, como o bairro costuma ser chamado, um encurtamento do nome, começa a ferver depois da uma da tarde, quando os navios chegam no Porto de Salvador.

Com o declínio do ciclo da cana-de-açúcar e o fim da escravidão no Brasil, a aristocracia se empobrece. A cidade se expande no sentido Sul, em direção ao Porto da Barra. A classe abastada, agora composta de banqueiros e comerciantes, instala-se em palacetes no Corredor da Vitória. O Pelourinho deixa de ser um bairro aristocrata, eminentemente residencial, para torna-se uma zona mista: pequenos comerciantes e artesões passam a residir nos andares superiores, enquanto o andar térreo dos antigos casarões passa a abrigar pontos comerciais. São novos agentes que redefinem o mesmo território. (ANDRADE, 2004, p.74)

2.1.2. Vitória

Com a crise no final do ciclo açucareiro do Brasil, o Pelourinho deixa de ser a morada da elite. Agora, a elite passa a dominar outras áreas da cidade, como é o caso da Vitória. Onde reside Márcia, herdeira do patrimônio da família. Em *Dez Freguesias da Cidade de Salvador* (2007) de Anna Amélia Vieira Nascimento, um retrato da capital entre os anos de 1760 e 1870, temos uma descrição da Vitória ainda no século XIX.

Ser a Vitória a morada de preferência de estrangeiros, principalmente de alemães e ingleses, era observada pelo príncipe Maximiliano da Áustria, na sua visita à Bahia: 'Do balcão do nosso hotel (o hotel Feruvier), pode-se observar, confortavelmente, os passantes que sobem da parte baixa da cidade, pela principal artéria da Bahia. É principalmente a colônia alemã que volta dos seus negócios, à tarde, e toma caminho da Vitória, o quarteirão da elegância e do luxo'. (NASCIMENTO, 2007, p.120)

A Vitória é um bairro histórico, um dos mais antigos da cidade, mas é um bairro residencial, que tem suas origens na expansão da cidade no sentido sul, abrigando a nova elite. O bairro é repleto de mansões e antigos casarões, atualmente alguns são museus, como o Museu de Arte da Bahia, no Palácio da Vitória.

Andando pelas ruas do bairro, notei que maioria das pessoas que circulam

por ali são idosos, fruto da antiga elite, grande números de carros importados saem das garagens, assim como é grande o número de carros que passam pelo corredor, ou na direção da Praça da Sé, ou na direção da Barra.

Ao andar pela Vitória, dá para notar o efeito do processo da verticalização nas mansões, criando um contraste com esses prédios gigantescos pertencentes ao mundo contempórâneo e as árvores centenárias que cobre o Corredor⁷ (figura 02) de ponta a ponta. Árvores com grandes troncos, seus galhos e folham se misturam de um lado a outro, como em um arco, sendo que em alguns pontos, a sombra é constante, já as folhas e os galhos bloqueiam a passagem da luz. É a natureza mostrando o quanto é bela, em meio a moderdenização.



Figura 2:

Corredor da Vitória. Iracema Chequer, 2010

2.1.3. Ribeira

Joaquim mora na Ribeira com a família. Quando estive por lá, ouvi dos moradores que ali é um lugar tranquilo, que no final da tarde dá para pegar a cadeira, levar para praia e relaxar tranquilamente. Ouvi também que ali boa parte dos moradores eram herdeiros de casas que foram do seus pais e avós. A casa em que o pescador mora, é casa em que moraram os pais da esposa, Ana. Sendo que a sogra, Vera, ainda vive por lá.

A Ribeira fica situada na cidade baixa. Um pedaço da capital que não parece

7 Trecho da Avenida Sete entre o Largo da Vitória e Campo Grande.

ser capital. Salvador é uma cidade agitada, acho que se tivesse que descrever a cidade em um nome, diria carnaval. Porque aquilo ali é um furdunço sem parar. E aí você está naquele corre corre, parecendo um dançarino de axé, descendo e subindo, sem parar e chega na Ribeira. Parece que você chegou em uma outra cidade, muitos dizem até que é como estar no inteiro, só que melhor ainda, já que tem vista para o mar (figura 03).



Figura 3: Porto dos Tainheiros na Ribeira. Grazy Lima, 2015

Nem os moradores sabem explicar onde começa e termina o bairro, que é envolvido pelo Bonfim, Massaranduba e Caminho de Areia. O que se sabe é que a Ribeira já foi uma grande aldeia de pescadores por causa da tranquilidade das águas, por abrigar embarcações, e ser um disputado lugar de veraneio. A Ribeira também se tornou uma marinha, pois além de ser um local de fácil acesso para os barcos, possibilita o conserto quando a maré está baixa. O nome Ribeira já diz tudo: vem de uma expressão portuguesa que significa “ancoradouro para reparação de naus”. (REGO, 2011)

Os moradores da Ribeira ainda cultivam tradições antigas, como sentar na porta de casa no final da tarde para conversar com a vizinha. Eles falam isso com orgulho, aliás, todas as pessoas com quem conversei na Ribeira falam com o

orgulho do bairro, colocam o sorriso e dizem: “Eu amo a Ribeira”. Pode parecer até discurso pronto, mas dá para sentir na fala que eles amam morar ali.

Enquanto a maioria cantava o seu amor pela Ribeira, um morador aproveitou para desabafar e falar que depois da reforma, o bairro já não era o mesmo. Foi um senhor que trabalha em um restaurante na Avenida Beira Mar. Ele falou sobre a reforma realizada na orla, a retirada dos quiosque, sobre o movimento que vem prejudicando os comerciantes. Ele conta que antes, você chegava na praia a tarde e dificilmente encontrava um espaço para sentar, de tão movimentada que era. Hoje, ainda existe movimento, mas pouco. É mesmo de se admirar sentar em um restaurante ao meio dia na sexta e perceber que dos inúmeros restaurantes no local, você conta nos dedos as pessoas sentadas na mesa.

Aliás, falar em reforma em Salvador é um assunto delicado e que mexe com os nervos. Atualmente é entrar na capital e perceber que na verdade você chegou em um canteiro de obras. É reforma e construções para todos os lados. Muitos aplaudem as iniciativas do prefeito Antônio Carlos Magalhães Neto (ACM Neto), já outros discordam dessas atitudes, já que estas reformas são realizadas sem diálogo com os moradores, muitos saem prejudicados.

2.1.4 Rio Vermelho

Atualmente, a reforma do Rio Vermelho tem alterado os ânimos de todos. Enquanto uns dizem que a reforma é necessária, que o bairro estava abandonado, outros afirmam que provocar profundas mudanças no Rio Vermelho afetará a identidade do bairro. A reforma afeta diretamente o roteiro, assim que comecei a escrevê-lo, imaginei um roteiro atual, em que eu pudesse produzi-lo independente do ano. Infelizmente isso não será mais possível. A festa de Iemanjá que aparece na estória tem uma data limite, ela acontece até dois de fevereiro de 2015, com o Mercado do Peixe ainda vivo, hoje ele já foi demolido.

O Rio Vermelho foi o bairro escolhido a dedo por Luana e por motivos especiais.

Desde a década de 50, o Rio Vermelho conquistou status de ser um bairro dos artistas e intelectuais, haja vista a quantidade de artistas plásticos, músicos, cantores, compositores, atores, poetas etc que moravam no bairro. [...] 'O Rio Vermelho é o local preferido para

residência de artistas. É o Montparnasse baiano...!', descreve sinteticamente Darwin Brandão & Mota e Silva em *Cidade do Salvador, Caminho do Encantado*. (SOUZA, 2004, p.89)

Quando a elite começa a se estabelecer na Vitória e Barra, o Rio Vermelho fica com um espaço para veraneio e pescadores. Zélia Gattai conta no livro *A Casa do Rio Vermelho* que os amigos ficaram admirados por ela e Jorge ter comprado uma casa ali e não no Corredor da Vitória. Assim como Jorge e Zélia, outros artistas passaram a residir no bairro como Caribé e Mário Cravo e além de moradores dessa categoria, o bairro sempre recebia visitas ilustres como Sônia Braga, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, João Ubaldo Ribeiro etc.

Até a primeira metade do século XX, a cidade da Bahia era tida por muitos como selvagem, perdida no tempo. A residência do ilustre casal inspirou a escultura exposta no Largo de Santana (figura 04). A segunda metade do século chega e as tentativas de modernização afeta a cidade e a população do tranquilo Rio Vermelho.

Essas mudanças, iniciadas no Rio Vermelho a partir década de 60, fizeram com que os seus tradicionais moradores migrassem para outros bairros. Os poucos moradores antigos que insistem em viver no bairro, dentre várias perdas, não mais contam as suas praias de águas tranquilas e límpidas, com a vista privilegiadíssima do mar, com o acesso a dois morros importante e até históricos: o Morro do Conselho e o Menino Jesus. (SOUZA, 2004, p.92).

O Rio Vermelho divide-se entre tranquilidade e agito. Em algumas ruas a movimentação é grande, principalmente nas avenidas de vale como a Anita Garibaldi, mas também existem ruas tranquilas. É como se o bairro buscasse tranquilidade em meio às modificações e modernizações que vem sofrendo. Com todo o burburinho da reforma é interessante ver os moradores buscando formas de manter a história do bairro viva, para não deixar morrer a alma boêmia e artística presente ali.



Figura 4: Escultura de Jorge Amado e Zélia Gattai no Largo de Santana. Grazy Lima, 2015

O bairro onde nasce Salvador é o principal cenário do roteiro, onde esta localizada a Casa de Iemanjá e onde acontece todo ano no dia dois de fevereiro a festa em homenagem a orixá, extremamente popular. As ruas do Rio Vermelho são tomadas por uma multidão neste dia. Quando mais próximo da praia da Paciência você chega mais a multidão aumenta. Pessoas dos mais variados tipos, você encontra aqueles que tem fé, que seguem a religião, encontra aqueles que aparecem para prestar seus respeitos e fazerem pedidos apenas uma vez no ano, outros vão apenas pela festa e assumem.

2.2 Festas Populares

Em Salvador, as festas mudam a rotina da cidade. Tem ruas em que o trânsito é fechado, os pontos de ônibus mudam de lugar, estruturas de camarotes são montadas, barracões pelas ruas. Festa em Salvador não é apenas diversão, é trabalho e uma das fontes de rendas mais importantes da capital.

A natureza festiva da vida baiana nunca se deixou conter dentro dos limites das festas oficiais, patrocinadas pelo poder laico ou religioso. Na verdade, as festas oficiais é que primaram sempre por uma espécie de transbordamento, com a massa da população

prolongando a celebração pública organizada pela elite dirigente em espaços de comemoração em que ela podia se entregar, sem maiores inibições, aos jogos do prazer. Prazer de falar, de cantar, de dançar, de se entregar, de abraçar, de tocar muitas vezes não era necessário dar mais do que um passo. Dançarino, obviamente. (RISÉRIO, 2004, p. 172)

O calendário festivo de Salvador dura o ano inteiro, mas é no verão que estão concentradas grande parte das festa:

- 04 de dezembro – Festa de Santa Bárbara/lansã, no Pelourinho;
- 08 de dezembro – Nossa Senhora da Conceição da Praia, no Comércio;
- 13 de dezembro – Santa Luiza, Igreja do Pilar, no Comércio;
- 31 de dezembro – Réveillon, atualmente na Praça Visconde de Cairu;
- 01 de Janeiro – Bom Jesus dos Navegantes, Baía de Todos os Santos;
- 03 a 06 – Terno de Reis, Festa da Lapinha, no Largo da Lapinha
- A Lavagem do Bonfim acontece sempre na segunda quinta feira após o Terno de Reis, da Conceição da Praia ao Largo do Bonfim;
- Na segunda-feira após a Lavagem do Bonfim, temos a Festa da Ribeira;
- 02 de fevereiro – Festa de Iemanjá, no Rio Vermelho;
- 04 de fevereiro – Lavagem de Itapuã.

Além do lundu e da umbigada, isso aqui era – para quem não fosse negro escravizado – o reino da preguiça e do ócio. E o ócio, todos sabem, é um espaço mais do que propício para os alongamentos do langor sensual. Com o bom-humor de sempre, o historiador Emanuel Araújo sintetiza: “Tudo indica, realmente, que pelo menos nos centros urbanos se trabalhava pouco. Havia, com efeito, grande quantidade de dias santos e feriados civis; em finais da década de 1810, segundo Spix e Martius, os primeiros eram exatos 35, os segundos 18 no total. O que significava, só aqui 14,5% do ano. Acrescentem-se esses dias de folga – e de folguedos – os domingos, naturalmente santificados, o do padroeiro do lugar e os de comemorações especiais (que ninguém era de ferro), com a transladação de qualquer imagem de uma igreja para outra, a chegada de um bispo, o falecimento de um soberano, o casamento do soberano, a coroação do soberano, o nascimento do futuro soberano e, claro, mais um ou dois (ou vários) dias de festa justificavam de sobra a bajulação coletiva de celebrar o aniversário do soberano, da mulher do soberano, dos filhos do soberano ou até o do supremo representante do soberano na Colônia. Assim, tem-se forte impressão de que entre um festejo e outro se trabalhava. E trabalha-se cansado da festa passada, mas poupando-se está visto,

para o próximo. O ócio fatigava. (RISÉRIO, 2004, p. 173)

Festa na Bahia é lazer e trabalho, descanso e exaustão, momento de extravasar as preocupações diárias, ocasião que pode gerar uma renda a mais. Festa aqui é tão levado a sério que Risério conta que na Bahia e no Rio de Janeiro existem a chamada *poupança da folia*. As pessoas trabalham para e economizam dinheiro para poder curtir as festas. Conheço pessoas que desfazem de bens para poder bancar a folia.

2.3 lemanjá

Pierre Verger, fotógrafo e antropólogo francês, viveu parte da sua vida em Salvador, registrou importantes momentos do cotidiano da cultura afro-baiana. No livro *Os Órixas – Deuses iorubas na África e no Novo Mundo* (1981), Verger faz um apanhado sobre os órixas.

lemanjá é uma divindade muito popular no Brasil e em Cuba. Seu axé é assentado sobre pedras marinhas e conchas, guardadas numa porcelana azul. O sábado é o dia da semana que lhe é consagrado, juntamente com outras divindades femininas. Seus adeptos usam colares de contas de vidro transparentes e vestem-se, de preferência, de azul-claro. Fazem-lhe oferendas de carneiro, pato e pratos preparados à base de milho branco, azeite, sal e cebola. Na dança, suas iaôs imitam o movimento das ondas, flexionando o corpo e executando curiosos movimentos com as mãos, levadas alternadamente à teste e à nuca, cujo simbolismo não chegamos a identificar. Manifestada em suas iaôs, lemanjá segura um abano de metal branco e é sauda com gritos de “Odò lyaá!!!” (VERGER, 1981, p.74)

No Brasil, lemanjá é um dos órixas mais populares, existe uma diversidade de festas em sua homenagem, em diferente épocas do ano, mas é no Rio Vermelho, em Salvador no dia dois de fevereiro que ocorre uma das mais importantes festas em homenagem a Mãe D'Água, se não a mais importante.

Fiéis ou não, todos se misturam no Rio Vermelho (figura 05). E mesmo com carros de sons, gritos, música, batuque, eu senti harmonia, a sensação de estar lá é mágica. Para mim, aquilo tudo foi tão incrível que com certeza só pode ser obra de uma divindade. Só pode ser mesmo coisa de lemanjá reunir todos os seus filhos

naquele local cheio de pessoas com sorriso no rosto.

Enquanto pessoas enfrentam uma fila gigantesca para colocar suas oferendas nos pés da mãe, que serão levadas as quatro da tarde pelos barcos dos pescadores até alto mar, outras se divertem bebem, comendo, cantando e dançando com um grande número de barraquinhas, restaurantes e bares. As festas de camisas e open bar também marcam presença, oferecendo comida e bebida de graça, mais show com bandas populares na cidade.

Figura 5: Festa de Iemanjá. Grazy Lima, 2015.



3. Roteiro

No documentário *Lado B – Como Fazer Um Longa Sem Grana no Brasil* (2007), de Marcelo Galvão, o cineasta Fernando Meirelles comenta que às vezes temos ideia interessante para se fazer um filme, mas que é necessário saber desenvolver esta ideia, transformá-la em um bom roteiro.

“O roteiro é uma história contada em imagens, diálogos e descrições, localizadas no contexto da estrutura dramática” (1982, p.12), cita Syd Field no livro *Manual do Roteiro*. Sendo assim, é possível dizer que escrever um roteiro, é contar uma história, que imita a vida ou que é baseada em algum aspecto dela, acrescentando a isso o uso da construção de imagens para compor o drama.

Durante o curso de Cinema e Audiovisual, as disciplinas Dramaturgia, Argumento e Roteiro I e II, Direção I (Direção de Atores) e Tópicos Especiais em Cinema e Interdisciplinaridade, compreender e decifrar o roteiro foi o passo inicial para visualizar a obra como um todo. Nas disciplinas Cenário e Figurino e Direção II (Direção de Arte), seguimos o pensamento de que é no roteiro que encontra-se todas as respostas para a produção de um filme.

No roteiro, estão presentes os diálogos, para os filmes que trabalham com diálogos, as rubricas, indicações de cena, os planos, enquadramentos, detalhamento sobre o som, duração das sequências, indicações sobre o cenário, as locações o figurino a época, informações sobre os personagens, indicação sobre a fotografia e a luz, trilha sonora. Enfim, o roteiro é o passo a passo do filme na forma escrita.

Retomando a fala de Fernando Meirelles, ideia não é o bastante, é preciso saber desenvolvê-la. Toda história possui começo, meio e fim, os roteiros também são assim. Mesmo aqueles enredos não lineares, que não seguem uma ordem cronológica, possuem um começo, meio e fim, ou melhor, Ato I, II e III. “Um ato é uma série de sequência que culminam em uma cena climática, causando uma grande reversão de valores, mais poderosas em seu impacto do que em qualquer cena ou sequência anterior.” (MCKEE, 2006, p. 52). Este é o conceito para Ato segundo Robert McKee. Já para Syd Field, *Manual do Roteiro* (1982) para explicar o passo a passo. O Ato I possui mais ou menos 30 páginas e funciona como

apresentação da obra. Sendo destas 30 páginas, as 10 primeiras são as mais importantes. Segundo o modelo hollywoodiano uma página corresponde a um minuto de filme. Então, são nos 10 primeiros minutos de um filme que conhecemos os protagonistas e sobre o que o filme trata.

No livro *4 Roteiros*, Syd Field (1994) analisa *Thelma e Louise*, filme de 1991, dirigido por Ridley Scott com roteiro de Callie Khouri. Durante os 10 minutos iniciais do filme, são apresentadas as protagonistas, Thelma, uma dona de casa e Louise, garçonne de uma lanchonete. Esses 10 minutos, também informam sobre uma pequena viagem que elas farão para as montanhas. Passado as primeiras 10 páginas o roteiro segue em direção ao Ponto de Virada I, que é uma ação, incidente, um acontecimento que altera a ação dramática.

No filme de Ridley Scott o ponto de virada I é o momento em que Louise ao presenciar a amiga sendo vítima de um atentado sexual, atira no estuprador. Nessa passagem Field cita um pensamento de Henry James, romancista americano do século XIX: “O que é o personagem senão a determinação do incidente? E o que é o incidente senão a iluminação do personagem?” (FIELD, 1994, p.51).

Passado o ponto de virada I, acontece o início do Ato II, que possui mais ou menos 60 páginas, indo assim da 30 até a 90. Ainda sobre o Ato II, Syd Field fala: “Durante o segundo ato, o personagem principal enfrenta obstáculo após obstáculo, que o impedem de alcançar sua necessidade dramática.” (FIELD, 1982, p. 13).

É no segundo ato que o filme *Thelma e Louise* se apresenta como uma viagem sem volta, uma passagem só de ida. As amigas encontram-se em situações cada vez mais complicadas. Após cometerem um assassinato elas seguem na estrada, agora o destino muda, ao invés de um fim de semana nas montanhas, elas estão indo em direção ao México. Nesse percurso, as duas vão cometendo outros crimes, na tentativa e esperança de encontrarem tranquilidade ao cruzar a fronteira do país.

O Ponto de Virada II no *Thelma e Louise*, não é marcado por um incidente como o primeiro. É um momento calmo, elas estão no carro, Louise no volante, nas palavras de Syd Field: “Em silêncio, sob um cobertor de estrelas, num lugar que além do tempo, elas entendem que pode não haver caminho de volta.” (1994, p. 90). Passado este momento de aceitação das personagens, tem início o Ato III. Este ato

pode ser conhecido como: Resolução.

Resolução não significa fim; resolução significa solução. Qual a solução do roteiro? Seu personagem principal vive ou morre? Tem sucesso ou fracassa? Case-se com o homem ou a mulher ou não? Vence a corrida ou não? Ganha as eleições ou não? Abandona o marido ou não? O Ato III resolve a história, não é o seu fim. O fim é aquela cena, imagem ou sequência com que o roteiro termina; não é a solução da história. (FIELD, 1982, p.14)

No caso das amigas que saíram de casa para um final de semana nas montanhas e que no caminho encontraram diversos obstáculos, a solução encontrada por Callie Khouri foi a imensidão do Grand Canyon.

3.1 Sinopse e Argumento

Sinopse – No dia 02 de Fevereiro, a cidade de Salvador homenageia Iemanjá, a Rainha do Mar. A Mãe D'Água, sai das águas para comemorar seu dia ao lado de seus filhos. No Rio Vermelho, bairro onde acontece a festa, pessoas de diferentes origens se encontram e com a presença de Iemanjá, algumas delas criam laços que alterarão para sempre suas vidas.

Argumento - 00:00, 02 de fevereiro. Do mar Iemanjá observa as luzes da cidade de Salvador. Ela mergulha, nada até a costa, sai do mar caminhando pela areia em direção a Salvador, usa roupas comuns, mas está descalça.

Na praia os festejos já começaram. Fogos tomaram conta do Rio Vermelho, que mesmo sendo de madrugada estava lotado. Disfarçada como mortal Iemanjá sorria, dançava, cantava junto com a multidão. Pessoas chegavam de todas as partes da cidade e do mundo. Algumas tinham fé, outros só queriam festejar, uma desculpa para juntar os amigos e beber, uma outra parte estava ali não por devoção, mas por curiosidade. Mas, algo era certo, Salvador estava em festa, a cidade sorria e Iemanjá também.

Joaquim estava na cozinha, era pescador mas estava sem o barco, todos os anos ele participava ativamente dos festejos, mas esse ano, preocupação tomava conta de sua mente, tinha uma família para sustentar. Ele começa as suas orações para Iemanjá.

Flashback – um mês atrás, uma festa acontecia em um iate, já era madrugada, no mar, alguns pescadores voltavam para casa, em um desses barcos, Joaquim conversava com um amigo. Uma das pessoas presente no iate resolvi sair para dar uma volta de jet sky. Ele já está alterado por conta da bebida, perde o controle do jet sky, que vai em direção ao barco do Joaquim, o pescador cai na água com o impacto. O motor do jet sky explode, matando o piloto, em seguida o motor do barco explode e o passageiro leva uma pancada na cabeça, antes de cair na água, o sangue se espalha no local. - Fim flashback.

Em frente ao espelho do banheiro, Márcia chora. O homem que pilotava o jet ski era seu pai. Ela chora com saudades, sente raiva, grita. Pega uma gilete, cai no chão chorando e continua olhando a gilete na mão.

Luana vira o copo de whisky na boca, as palavras do chefe na hora de sua demissão voltam a cabeça da mulher. Ela abre a porta da frente e observa os fogos, lembra que é dia de Iemanjá e sorrir.

Antônio olha o retrato dele e do irmão, ambos com a roupa de capoeirista, ele conversa com foto como se conversasse com o irmão. Questiona o que fará a partir de agora.

No espaço da festa Janaína interage com os quatro personagens ligados pela tragédia. Ela sabe quem são eles e seus dramas, mas eles não sabem quem ela são, ainda sim, desabafam e interagem com aquela estranha, que parece ter controle quase hipnótico sobre os humanos.

Iemanjá como uma mãe, tenta ajudar seus filhos, aconselhá-los, mas não deixa traços marcantes de sua personalidade, como a vaidade, de lado. Ela gosta de chamar atenção. Com o corpo de Janaína, ela joga capoeira, ela canta e dança, se delicia com as comidas baianas e gosta da sensação de se ver sendo reverenciada por todos ali.

Durante a festa, Joaquim sente-se deslocado, pela primeira vez ele está na festa sem seu barco. É o único a se sentir desconfortável diante de Iemanjá, como todo pescador, ele ama e tem a Mãe D'Água. Joaquim, sai da festa por não estar se sentindo bem no local, mas encontra um amigo que está de volta na cidade e retorna para o Rio Vermelho agora pelo mar, com um barco emprestado, ainda sim, aquilo o deixa feliz, agora sim ele encontra seu lugar na festa.

Márcia vai para festa com os amigos, o único objetivo da garota é beber. Ela está com raiva, nervosa, buscando quem culpar. Ela discute com Joaquim. Sai temporariamente da festa por conta da preocupação de Olavo, advogado da família que se preocupa com as atitudes irresponsáveis da garota. Ela retorna para festa, decide curtir, beber e aproveitar. Ela tem uma conversa com Janaína e pela primeira vez fala o que realmente sente. Márcia muda a postura após essa conversa.

Tuca junto com as crianças, faz a galera vibrar com apresentações de capoeira. Ele confessa a preocupação com o projeto. Encontra uma antiga aluna que recupera-se de um acidente e a ex cunhada que procura forças para lidar com a perda do noivo.

Luana tenta encontrar uma forma de voltar para a carreira que sempre sonhou. Ela narra momentos difíceis da sua vida para lemanjá como a perda da sua mãe, lida com o fato de surperproteger a irmã após a perda dos pais e reencontra um amigo da época em que estudou cinema nos Estados Unidos.

Janaína retorna ao mar e seus filhos voltam para casa renovados e prontos para iniciarem uma nova jornada, juntos, já que foram unidos pela tragédia.

3.2 Ficção - Fantasia

Gosto da fantasia, de misturar realidade e magia. Penso em motivos para gostar tanto de fantasia, mas não chego a nenhuma explicação. Porque nenhuma explicação é suficiente e quanto mais procuro palavras, mais elas parecem pequenas e infieis para explicarem os meus gostos.

“Os roteiristas precisam aprender a não explicar tudo.” Robert McKee diz em entrevista ao jornal O Globo no início do ano de 2014. Concordo com ele, um roteiro seja de cinema, teatro ou televisão é uma obra aberta, que pode muito bem ser vista de modo diferente por várias pessoas e todas estarão certas. Infelizmente, para o primeiro tratamento de *Odoyá*, não foi possível utilizar a fala de McKee, pelo menos não como eu desejava. Agora que o roteiro já está completo

Toda vez que um autor responde ou explica demais sobre sua obra, já não sinto o mesmo encanto por ela. Lembro do final de *Lost*, seriado da ABC, criado por J.J. Abrams, Jeffrey Liber, Damon Lindelof, exibido entre 2004 e 2010. O final foi

polêmico, vários telespectadores do seriado jogaram pedras, porque muitas explicações não foram dadas. Acredito que a falta de respostas contribui para que a obra permaneça viva. Pelo menos até hoje ainda me pego pensando: “Mas o que é aquela ilha?”

No seriado *Lost*, os passageiros do voo 815 da companhia Oceanic Airlines caem em uma ilha desconhecida enquanto viajavam de Sidney para Los Angeles. Na ilha eles encontram mais do que problemas ordinários como falta de água, comida, abrigo e medicamentos. A realidade entra em choque com a fantasia. Eles estão em uma ilha tropical e precisam lidar com ursos polares, com a presença de fumaça preta misteriosa que engole pessoas, viagens no tempo, pessoas que aparecem e desaparecem sem deixar rastros.

O que seria o gênero fantástico? Não há uma resposta definitiva, os conceitos se dividem e se contradizem. Uma obra como *Frankenstein* (1965) de Mary Shelley pode ser uma ficção científica, como também uma ficção de horror. Com a falta de uma definição de fantasia, fica a critério do espectador ou leitor estabelecer o que é fantasia.

Nos estudos sobre as manifestações literárias da fantasia encontramos dois procedimentos principais. O primeiro é desconhecer a fantasia e apenas distinguir entre o que se convencionou chamar de gêneros maravilhoso, fantástico e ficção científica. Essa distinção nem sempre é clara e precisa, frequentemente confundindo mais que esclarecendo. O segundo procedimento é reconhecer a existência da fantasia, porém como gênero. Toma-se fantasia por maravilhoso, fantástico, horror ou estranho, ou ainda, faz-se com que um seja espécie do outro, o que confunde ainda mais o assunto. (JEHA, 2001, p.3)

O roteiro *Odojá* apresenta como elemento fantástico, a presença de uma divindade ganhando corpo. Iemanjá circula livremente pelo Rio Vermelho no dia de sua festa. Ela come, dança, canta, luta capoeira e participa da vida das pessoas que estão ali. Não se revela como Iemanjá, usa o nome de Janaína, mas como uma das características é a vaidade, o modo como ela fala, anda e age é como alguém que tem um conhecimento além da humanidade, além da realidade, é conhecimento que vem de um outro plano.

3.4 Personagens

Para o roteiro, levo aquilo que conheço, vejo, descubro. Mas, crio novos seres, pessoas. Quando se cria alguém, não é somente imaginar um corpo e dar um nome para ele. Criar um personagem, é criar uma vida e aquilo tudo ao seu redor. Só assim é possível conhecer as características, detalhes dos personagens que são determinantes para a trama.

Luana é morena, tem cabelos pretos, olhos castanhos, mede entre 1,65 e 1,75 de altura. Se mudou com 10 anos para a Bahia. Ainda pequena, demonstrava vocação para as artes, indo fazer graduação de cinema nos Estados Unidos. Ainda no meio do curso, ela recebe a notícia de que sua mãe tem câncer e retorna ao país. A mãe de Luana morre e logo depois o pai com depressão comete suicídio. Com apenas 24 anos e com a irmã de 16 anos ainda na escola, Luana começa a trabalhar como jornalista e fotógrafa freelance. Passa a morar no Rio Vermelho que para ela significa não deixar o seu sonho morrer, o sonho de algum dia viver de arte, já que o bairro era costumava a ser conhecido como Monte Parnaso da Bahia.

Joaquim tem entre 45 e 50 anos, a pele é queimada pelo sol, é casado há 25 anos e tem três filhos. Ele é filho de pescador, herdou o ofício do pai. Quando se casou com Ana, foram morar na Ribeira, perto da casa dos pais dela. Mas, não abandonou a profissão, ser pescador era tudo o que ele sabia, o que ele era. O barco era o que possuía de mais precioso, tudo o que ele tinha sido graças ao mar.

Antônio, mestre Tuca, sinto que falta nele algo. É como se o personagem escondesse um segredo que precisa ser revelado. Mas, não tenho a menor ideia do que seja. Ele é mulato, dos olhos castanhos, morava junto com o irmão no Pelourinho, Pedro, perderam os pais ainda cedo e foram criados por um tio que morava na casa ao lado. Tuca trabalha em uma academia na Barra para poder se manter, mas tem um projeto com o irmão no Pelourinho, para crianças carentes. Ele é alegre, aprendeu a ser responsável desde criança. Adora cantar, uma pessoa fácil de criar amizade. Não tem muita tolerância para bebida, bebe um pouco, mas não gosta de quem ultrapassa os limites.

Márcia tem 19 anos é morena, bronzeada, tem olhos castanhos, mas usa lente verde. Faz faculdade de administração, mas sem muito interesse. Márcia perdeu a mãe cedo, foi criada pelo pai, que passava o dia no trabalho e raramente tinha tempo para ela, sempre compensou fazendo todas as vontades da menina. A

garota não estava preparada para lidar com preocupações, como por exemplo, gerir a empresa do pai. O advogado da família, Olavo, passa a ser uma pedra no seu sapato, tentando controlar os excessos da menina. Imagino a Márcia como várias pessoas que conheço, uma garota que quer curtir, que sabe que o futuro está garantido e que só pensa na próxima festa que irá e em não perder o horário da academia, é como se não existem muitos conflitos, como se tudo já estivesse certo e no caso da Márcia, ela agora se vê diante de uma situação que nunca imaginou que poderia passar. É como se ela começasse a viver agora e vou descobrindo tudo junto com ela.

Tenho interesse em filmar o meu roteiro e sei que até o gravando ele irá se modificar bastante. O filme nasce no roteiro. É bem verdade que antes de termos um roteiro, precisamos de uma ideia e um meio para viabilizar, captar recursos para esta ideia. Mas é a partir do momento que sentamos para imaginar e transcrever cenas, diálogos, enquadramentos é que o roteiro vai ganhando forma e o filme começa a nascer.

Quando um roteiro é dirigido pelo personagem, seu apelo se apoia principalmente no desenvolvimento dos personagens e nas transformações que sofrem ao longo do filme. Por exemplo: 'Um brilhante matemático perder a sanidade e então precisa lutar para recuperá-la (Uma Mente Brilhante). (SEGER; WHETMORE; 2009 p. 32)

Meu roteiro é conduzido pelos personagens. Minha vontade é seguir a linha baseado nos filmes da franquia Cities of Love, com os filmes Paris, je t'aim, New York, I love you e Rio, eu te amo. Comecei com a ideia de contar várias histórias, todas que se passassem na cidade.

Quando vi essa ideia no livro, pensei: puxa, é exatamente assim que vejo minha mente. Ela está entulhada demais, cheia de porcaria. Está contaminada por todos meus erros, sentimentos de desprezo e insultos passados, cada recordação do que foi ruim. [...] Tudo está empilhado lá e existe de fato uma vontade de queimar completamente todo lugar. (KASDAN, 2009 p. 41)

Assim como Lawrence Kasdan fala sobre estar cheio de ideias quando aceitou adaptar O Apanhador de Sonho, eu estava fervendo de ideias. Queria contar várias histórias, falar de vários personagens diferentes, falar de outros lugares que não fosse Pelourinho como a maioria dos filmes que assisti sobre Salvador. Não

tinha intenção de deixar o Pelourinho de fora, ele teria seu espaço reservado, mas também levaria a história para Ribeira, Rio Vermelho, Barra.

Seguindo conselhos, mudei de ideia. Agora falaria de uma única história. Só que esta história envolvia pessoas diferentes de origens diferentes que se cruzaram devido a um acidente, que afetou a vida delas e agora todas precisam de uma salvação, uma luz, uma providência divina.

3.5 Conflitos

No gênero dramático, o passado por sua vez, tem a função de fornecer as motivações, as causas da ação do presente. Passado, presente e futuro, começo, meio e fim: o começo da narrativa dramática está nas motivações que vêm do passado, o meio está no jogo presente das ações e o fim, no objetivo que se visa. (CAMPOS, 2009, p.73)

Os personagens já começam a história sobre efeitos de um acidente que aconteceu um mês antes do dia da trama. Um acidente na Bahia de Todos os Santos matou um importante empresário, um mestre de capoeira, deixa um pescador sem seu barco e meio de sobreviver e a repórter que cobriu a matéria perde o emprego por atribuir a culpa do acidente ao excesso de álcool ingerido pelo empresário, que perdeu o controle do jet ski e bateu no barco. O atual momento de cada um e de todos, nasce em uma tragédia. São pessoas completamente diferentes, de mundo paralelos e presos na mesma teia.

“Aos personagens de uma narrativa dramática falta algo, falta passar por algo, falta conquistar, atingir algo.” (CAMPOS, 2009, p.74) Flávio Campos no livro *Roteiro de Cinema e Televisão: A Arte de Narrar Uma Estória* (2009), coloca os personagens de uma narrativa dramática na qualidade de incompletos, eles precisam batalhar pelo que querem. Os personagens de minha estória estão desorientados, eles sofreram perdas grandes e sabem que precisam reagir, mas não sabem como fazer.

Com isso, a narrativa dramática recobre a fatia de vida que narra com uma teia de elementos de estória específicos desse ser gênero, cuja finalidade é atrair e reter a atenção do espectador: um problema a ser resolvido, um jogo de ações a ser decidido, um objetivo a ser alcançado – enfim, elementos de suspense que visa fazer com que o

espectador espere para ver como aquilo vai terminar. (CAMPOS, 2009, p. 74)

Um dia da vida desses personagens é retratado, embora exista a presença de flashbacks, estes servem para reforçar a condição atual e os rumos de cada um. Esse dia não é um dia qualquer, é um dia de festa, na qual muitas pessoas se permitem extravasar a mesmice do cotidiano. Nesse dia de festas, os dramas que aconteceram até se fazem presente, medos, angustias, sentimentos. Os personagens lidam com seus dramas, ao mesmo tempo que se divertem na festa. É como o soteropolitano, que no dia-a-dia lida com variados problemas, mas ainda encontra tempo para ser feliz, afinal “Sorria, você está na Bahia”.

Os conflitos existem, estão lá, mas no momento o importante é viver o presente, *carpe diem*, aproveitar o que aquele dia tem a oferecer e acreditar que o amanhã pode ser diferente. No roteiro o dia termina não com uma solução, mas com uma promessa de que os conflitos se resolverão a partir do dia seguinte, quando tudo se aquietar e voltar ao seu fluxo normal. Por hoje, resta apenas o festejar.

3.6 Ato Por Ato

Seguindo o modelo de Ato apontados por Field e McKee, pensei o roteiro dividindo em atos.

O ato I, o da apresentação, é onde apresento os quatros personagens que estão envolvidos pela teia de acontecimentos provocados pelo acidente que aconteceu, cada um perdido em seus problemas e seus mundos. Antônio, Joaquim, Luana e Márcia, ainda nesse ato, trago Iemanjá para solo baiano e em corpo humano.

Ato II, o desenvolvimento da estória, onde os personagens enfrentam seus obstáculos. O marco do início do segundo ato, é a chegada de Matthew, o gringo que chega na Bahia, movido pela curiosidade e desejo de trabalhar com a cultura local. O grande obstáculo dos personagens é superar as condições pós tragédia. Joaquim perdeu o barco, o sustento da família e agora senti-se deslocado. Márcia perdeu o pai, que era o seu forte, agora ela não tem em quem se apoiar, precisa de alguém para culpar, mas a verdade é que Márcia não sabe o que fazer com a vida,

pois nunca imaginou-se em uma situação em que tivesse que assumir o controle sobre si e o que está a seu redor. Luana encontra-se desempregada, mas a verdade é que ela não estava no emprego dos sonhos, Luana apesar de sofrer com o desemprego, agora tem tempo para ela e as suas verdadeiras necessidades. Tuca perdeu o irmão e se preocupa com o destino do projeto que ajuda crianças carentes, infelizmente ele tenta, mas não vê como salvar o projeto. Quatro mundos, que vão se cruzando durante a festa.

O início do último ato, o terceiro e também a resolução, começa ao fim da conversa de Márcia e Janaína, na qual a garota assume o que realmente sente. E diante da roda de capoeira decide mudar sua postura. Márcia compreende que não é a única vítima, a única que se sente perdida e precisa de ajuda. E que o melhor jeito de se ajudar, é ajudando quem também sofreu e partilhou uma dor de mesma origem.

O último ato é o da resolução, mas o final é aberto. Pois como a história se passa em uma festa, a vida de todas apesar de seguir em frente, naquele dia encontra-se em farrá. É no dia seguinte que começa uma nova etapa para todos.

4. O Grande Truque

Todo truque de mágica tem um terceiro ato. A parte mais difícil. O seu fechamento, a sua conclusão espetacular. O grande truque. (O *GRANDE TRUQUE*, Christopher Nolan, 2006)

Em quatro anos no curso de Cinema e Audiovisual, o TCC foi minha oportunidade de finalmente falar de algo que eu tivesse vontade. Eu queria falar do mar, queria muito e acho que sempre vou continuar querendo. Fui atrás disso, encontrei em Salvador o cenário perfeito, em Iemanjá a imagem ideal. Por meses mergulhei nesse universo, na história da Cidade da Bahia que me encantou, emocionou, me fez gargalhar em diversos momentos.

Conheci mais sobre os órixas, sua mitologia, suas histórias. As vezes fico pensando na história de Iemanjá, na origem da Baía de Todos os Santos, em como isso já dá um filme.

O universo criado por Jorge Amado foi de grande inspiração. O autor que como ninguém narrou os encantos da Bahia, criando não apenas uma visão imaginária para esse estado, mas para todo o país. “Nas colinas do Panthéon, encontrei uma jovem lendo *Gabrielle, Girofle er Carnnelle* e que me disse emocionada: 'O Brasil existe com Jorge Amado'”. Descreve Hermes Rodrigues Nery no prefácio do livro *Conversando com Jorge Amado* de Alice Raillard (1990). É que mistura o real com o misterioso e mágico, torna-se além de uma fonte literária, uma fonte geográfica, cultura, artística e histórica.

Não foi fácil criar um roteiro para longa-metragem. Não apenas criei personagens, diálogos, cenas. Criei vidas, brinquei de ser Deus. Na estória que criei eu tinha o controle de tudo, de onde vinham os personagens, para onde iam, o que faziam, o que não poderiam fazer, realmente brinquei de ser Deus e controlei a vida daquelas pessoas.

Quando terminei o roteiro, a primeira versão, foi como tirar um mundo das costas. A estória estava pronta, pela primeira vez eu sabia como começava e como terminava. A verdade é que ela não termina, como diz Field, a estória tem uma resolução, não um final. Esta é definitivamente uma obra aberta, onde o espectador tem total liberdade de imaginar o que irá acontecer no dia seguinte.

Agora, estou pronta para pegar este roteiro e queimar e acredite, eu

pretendo imprimir uma cópia apenas para queimá-lo, porque aí seguirei para um novo tratamento, recomeçar das cinzas do primeiro. Mas, se acalmem, mantereí uma cópia digital.

O objetivo agora é transformar esse roteiro em filme. Então, vou me preparando para correr atrás dos direitos das composições que uso em *Odojá*, pensar em como recriar a festa de lemanjá, em métodos de captação de recurso. Uma coisa é certa, estou apenas no começo da jornada.

Meus olhos estão ardendo, a dor de cabeça já não passa, estou com uma alergia que surgiu misteriosamente na perna, coço sem parar, a minha perna já esta toda ferida. O pensamento que mais circula é “fique calma”, estou nervosa, com medo, apavorada diante do que poder acontecer. Mas, por hora, a única coisa que quero é dormir. Eu que queria quebrar tudo, agora estou quebrada.

Referências

A SOCIEDADE Dos Poetas Mortos. Direção: Peter Weir. EUA. Disney/Buena Vista, 1989.

AMADO, Jorge. **Dona Flor E Seus Dois Maridos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Mar Morto.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008;

_____. **A Morte E A Morte de Quincas Berro D'Água.** Rio de Janeiro: Record, 1984.

ANDRADE, Adriano Bittencourt; BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. **Geografia de Salvador.** Salvador: EDUFA, 2009.

ARISTÓTELES. **Poética.** São Paulo: Edipro, 2011.

Autor Desconhecido. **Iluminação Cênica Amplia a Beleza do Corredor da Vitória.** Disponível em: <<http://www.politicalivre.com.br/2011/05/iluminacao-cenica-amplia-beleza-do-corredor-da-vitoria/>> Acesso em 24 de setembro de 2015.

CAMPOS, Flávio de. **Roteiro de Cinema e Televisão – A Arte e a Técnica de Imaginar, Perceber e Narrar Uma Estória.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FIELD, Syd. **Manual do Roteiro.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1982.

_____. **Quatro Roteiros.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1994.

JEHA, Julio. **A Semiose da Fantasia.** Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/7295>> Acessado em 19 de Setembro de 2015.

LADO B - Como Fazer um Longa Sem Grana no Brasil. Direção Marcelo Galvão. São Paulo: Ioiô Filmes, 2007.

LOST. Realização J.J. Abrams, Jeffrey Lieber, Damon Lindelof. EUA: ABC, 2004 – 2010.

MACHADO, Ana Maria. **A Invenção da Bahia.** AMADO, Jorge. **Mar Morto.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008;

MCKEE, Robert. **Story: Substância, Estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiros.** Tradução de Chico Marés – Curitiba: Arte & Letra, 2006.

NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. **Dez Freguesias Da Cidade de Salvador: Aspectos Sociais e Urbanos do Século XIX.** Salvador: EDUFA, 2007.

O GRANDE Truque. Direção: Christopher Nolan. EUA: Warner Bros., 2006

ONCE Upon A Time. Realização: Adam Horowitz, Edward Kitsiu. EUA: ABC, 2011 - .

PINHEIRO, Délio José; SILVA, Maria Auxiliadora. **Visões Imaginárias da Cidade da Bahia.** Salvador: EDUFA, 2004.

RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado.** Rio de Janeiro: Record, 1990.

REGO, Rafael. **Ribeira Por Que Você É Tão Bela?**. Disponível em: <<http://www.ibahia.com/detalhe/noticia/ribeira-por-que-voce-e-tao-bela/?cHash=ddcc2e4abfed76dcd5dad43828aaa042>> Acessado 24 de Setembro de 2015.

RISÉRIO, Antonio. **Uma História da Cidade da Bahia.** 2 ed. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

SEGER, Linda; WHETMORE, E.J.. **Do Roteiro Para Tela – O Trabalho Conjunto Para a Produção de Filmes.** Tradução Sueli da Silva Saraiva; revisão técnica Andrea Netto Mariz – 1. ed – São Paulo: Bossa Nova, 2009.

THELMA e Louise. Direção: Ridley Scott. Califórnia: Pathé Entertainment, 1991.

TRAMPOLIM do Forte. Direção: João Rodrigues Mattos. Salvador: DocDoma Filmes, 2010. <<http://www.trampolimdoforte.com.br/>> Acesso em 28 de setembro de 2015.

UMA Mente Brilhante. Direção: Ron Howard. EUA: Universal, 2001.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Os Órixas – Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo.** 6 ed. Salvador: Corrupio, 2006.

Roteiro

CENA 01

EXT. MAR

É meia noite do dia 02 fevereiro. Iemanjá observa as luzes da cidade de salvador. Sorri e mergulha.

INT. FUNDO DO MAR

Iemanjá nada em direção a cidade.

EXT. PRAIA

Iemanjá sai da água, caminha descalça pelas areias da praia.

CENA 02

EXT. CIDADE

Imagens mostrando a festa no rio vermelho, nos terreiros, no Dique do Tororó.

CENA 03

INT. CASA DE JOAQUIM

Joaquim revira na cama, levanta e anda até a cozinha. Pega um copo d'água, olha o pequeno barco de madeira em cima da geladeira, ele está preocupado. Lembra do acidente.

CENA 04

EXT. MAR

Flashback - um mês atrás, uma festa acontecia em um iate, já era madrugada, no mar, alguns pescadores voltavam para casa, em um desses barcos, Joaquim conversa com um amigo.

JOAQUIM

Não vai para casa hoje?

PEU

Tou quase morando com a Vanessa.

(CONTINUED)

JOAQUIM

Então o relacionamento é mesmo sério.

PEU

Já tava na hora. Já curtir o que tinha que curtir.

JOAQUIM

Pra você a hora tá boa. Mas, pra Joana...

PEU

Você não vai com a cara do sujeito que namora com ela.

JOAQUIM

Aquele moleque não quer nada com vida. na idade dele eu já sai para o mar pra ganhar a vida.

(Enquanto fala ele desvia o olhar para o amigo e balança a cabeça negativamente)

EXT. IATE

Uma das pessoas presente no iate resolve sair para dar uma volta de jet ski. Ele já está alterado por conta da bebida, perde o controle do jet ski, que vai em direção ao barco do joaquim, o pescador cai na água com o impacto. O motor do jet ski explode, matando o piloto, que cai na água sem vida, em seguida o motor do barco explode e o passageiro leva uma pancada na cabeça, antes de cair na água, o sangue se espalha no local. - fim flashback.

CENA 05

INT. BANHEIRO

Márcia lava o rosto, levanta a cabeça. ela esta bêbada, chora.

MÁRCIA

Pai!

Ela lembra do pai. Novamente a imagem do homem pilotando jet ski aparece, é o pai de márcia. Grita.

(CONTINUED)

MÁRCIA

Pai!

(Abre o armário e pega uma gilete. Caí no chão chorando. Olha a gilete, chora deitada.)

CENA 06

INT. APARTAMENTO

Luana vira o copo de whisky na boca, ela consegue ouvir as palavras do chefe. Em voz over.

CHEFE

Como você faz isso? Culpar um dos maiores empresários dessa cidade pelo acidente que tirou a vida dele? Agora a filhinha dele quer processar o jornal! Você está demitida!

Luana bebe mais um pouco. ouvi os fogos e vai até a varanda do apartamento. Admira as cores no céu, lembra da festa de Iemanjá!

LUANA

Odojá minha mãe!

(Levanta o copo como num brinde.)

CENA 07

INT. CASA DE TUCA

Antônio, mestre Tuca, segura o retrato do irmão.

TUCA

Ô irmão! Tá puxado véi! Você faz falta demais!

(Chora. Limpa as lágrimas.)

TUCA

Maldito acidente! Maldita bebida! Te perdi por causa dela véi... Meu melhor amigo...

Coloca a foto de volta na estante. Anda um pouco, senta no sofá, que fica de frente para as foto com a cabeça baixa, começa a falar como se conversasse com ela.

(CONTINUED)

TUCA

Hoje eu recebi umas contas para pagar... Lá do nosso projeto de capoeira. Não sei o que vou fazer, não tenho dinheiro para tudo. Você sempre me ajudou. Fico com dó das nossas crianças, elas já estão tão triste pela tua morte. O mestre peiu que elas tanto amavam... Agora, talvez elas fiquem sem o projeto também. O que eu faço irmão?
(Olhava de novo para foto e depois baixa a cabeça.)

CENA 08

Amanhece na cidade de Salvador.

INT. ESTÚDIO

o jornal que passa pela manhã na televisão o âncora fala sobre a festa.

VINICIUS

São sete da manhã e a praia da paciência já esta lotada. soteropolitanos e turista de todo mundo estão no rio vermelho para homenagear a rainha do mar. nossa reporter esta por lá e comenta mais detalhes sobre a festa.

CORTE SECO. APARECE A REPÓRTER NA PRAIA.

PLANO MÉDIO

REPÓRTER

Bom dia Vinicius. O dia esta no início, mas da uma olhada para fila.

(Aponta para fila.)

Todos aguardam o momento de ficarem pertinho da imagem de iemanjá, entregar suas oferendas, fazer pedidos. saldar a rainha do mar.

Enquanto ela vai falando, a câmera mostra a fila, mostra a imagem de Iemanjá e várias pessoas ao redor dela.

(CONTINUED)

REPÓRTER

Aqui do meu lado esta mário que aguarda para colocar a oferanda para Rainha do Mar. O que você tem aí?

PLANO AMERICANO PEGANDO OS DOIS

Mário mostra um barco feito por ele mesmo, com várias oferendas.

MÁRIO

O marco eu mesmo fiz. Aqui tem rosas, alfazema, espelho, pente... e um vatapá feito especialmente para ela.

(A repórter sorri.)

REPÓRTER

Obrigada!

O ENTREVISTADO SAI DE FOCO.

REPÓRTER

Como oferanda o povo trás muitas flores, alfazemas, espelhos, objetos para que a Rainha do Mar fique ainda mais bela. Afinal, ela é muito vaidosa.

Imagens da festa aparecem. Baianas benzendo o povo. Pessoas jogando flores ao mar. Barcos ao mar.

CENA 09

INT. APARTAMENTO

Luana entra como um furacão no quarto de Manuela.

LUANA

Manu, levante!

MANU

O que foi? Ainda nem bem começou o dia.

(Reclama de ter que levantar, ainda com a cara no travesseiro.)

(CONTINUED)

LUANA

Pelo contrário. O dia já começou e estamos atrasadas.

MANU

Atrasadas pra quê Lua? Você não vai trabalhar e só tenho aula mais tarde. Me deixa dormir.

LUANA

Que dormir nada. Hoje é dia de Iemanjá, esqueceu?

(Vai saindo do quarto)

MANU

Como se os fogos de madrugada me deixarem esquecer. Vêi, porque você escolheu um apartamento no Rio Vermelho, hein?

LUANA

Quantas vezes eu vou ter que te falar que o Rio Vermelho foi...

MANU

O lugar onde o caramuru naufragou. Onde tudo começou em Salvador. O bairro da boêmia e dos artista, antigo monte parnaso da Bahia.

(Vai contando nos dedos, ainda sentada na cama, depois puxa o lençol e levanta.)

E o bairro que te inspira e faz você conitnuar sonhando... sabe qual é o problema disso tudo irmã? É que você sonha. Você tem talento e fica jogando fora.

(Coloca a cabeça para fora do quarto.)

LUANA

Por isso que eu tou falando para você levantar a bunda dessa cama.

(Fala um pouco alto porque ela esta no cozinha e a irmã no quarto.)

Eu não quero apenas sonhar e hoje eu estou disposta a sair por aquela porta e começar a transformar o sonho em realidade.

MANU

Do que você esta falando Luana?
(Ela chega na cozinha e olha a irmã).

LUANA

Eu só quero voltar para os trilhos certos, sabe?
(Manu abre um sorriso sincero e senta em um banco).

MANU

Esperei tanto ouvir você falando assim. Voltando a se dedicar a algo seu. Porque desde que nossos pais se foram, você trabalha e vive em minha função.

LUANA

Fiz com todo meu coração e faria tudo de novo.

MANU

Mas, tá na hora de voltar a cuidar de você. ... Tá resolvido, hoje, não vou para aula.

LUANA

Pirou Manuela?

MANU

Você já fez tanto por mim, posso faltar um dia para te fazer companhia. Você precisa de mim agora. Aliás, o que você pretende fazer pra voltar para os trilhos?

LUANA

No período que eu fiquei nos Estados Unidos eu consegui fazer contados e muitas pessoas mostraram interesse na cultura baiana. ... Sei que pode ser viagem minha, mas, acho que eu poderia começar trabalhando com fotografia e depois ... depois eu deixaria rolar.

MANU

Massa! Agora vamos, porque eu estou faminta.
(Pula do banco.)

LUANA

Você tá sempre faminta, lombriga.
(Levanta a cafeteira cheia de
café.)

MANJU

Nem vem. Quero acarajé!
(Vai cantando para o quarto.)

CENA 11

INT. CASA DE TUCA

Ainda são sete da manhã, Tuca termina de vestir a roupa de mestre de capoeira. Olha o dinheiro na carteira, coloca café na caneca e bebe . Enquanto tomava café, observa o berimbau do irmão perto da parede e dá um sorriso. Pega o instrumento e sai de casa.

EXT. LADEIRA

PAULÃO

Mestre Tuca!
(Grita enquanto desce a
ladeira)

TUCA

E aí meu preto?

PAULÃO

Como é véi, vamo tomar uma
cervejinha hoje?

TUCA

Porra véi, ainda é cedo e você já
quer encher a cara. Sai dessa vida.

PAULÃO

Dia de festa véi. Relaxe! Nem por
hoje você deixa de ser um pouco
careta.

TUCA

Meu irmão. Eu tô indo para festa e
levando minhas crianças comigo.
Vamos homenagear a mãe do nosso
jeito, com uma boa roda de
capoeira. E com relação a bebida
você me conhece. Nunca gostei, meu
pai teve problemas com álcool,

(MORE)

(CONTINUED)

TUCA (cont'd)
mainha sofreu demais com isso e
agora meu irmão foi embora por quê?
Bebida! Um riquinho cheio de
cachaça no rabo tirou a vida e
leveu a do Peu junto.

PAULÃO
Fale assim véi. O cara tá morto.
Além disso, ... tudo bem que ele
passou dos limites, mas foi
acidente.

TUCA
Foi homicídio, isso sim.

PAULÃO
Ô irmão, você disse que tá indo
homenagear a mãe com suas crianças.
Ótimo! Se precisar de ajuda para
levar eles pra lá, conte comigo.
Mas, aproveite que é dia da mãe e
perdoe o riquinho lá. Lembre que
teu irmão morreu no mar, ele tá
sobre os cuidados de Iemanjá. Peça
um bom lugar para ele.

TUCA
Tá puxado véi. O Peu era minha
família toda.

PAULÃO
Que nada irmão. Você ainda tem
muita gente que te considera que
gosta de você. Eu, tuas crianças, o
povo te respeita aqui no
Pelourinho, ergue essa cabeça.

Antes de Tuca responder, um dos meninos se aproxima correndo.

BETINHO
Mestre Tuca!
(Cumprimenta sorrindo e com um
high five)

TUCA
E aí Betinho? Já chegou todo mundo.

BETINHO
Quase. Era do mestre Peu né?

TUCA

É. Vou oferecer para Iemanjá. Sei que ela vai cuidar bem dele.

BETINHO

Vai sim. Mas mestre Peú tá com Iemanjá agora. Aí ele vai poder fazer as rodas de capoeira para ela.

TUCA

É mesmo véi. Bem lembrado.
(ELA anda na direção dos meninos)
Vem com a gente Paulão. Quem sabe assim você volta para capoeira e toma tendência na vida?
(Paulão dá risada e segue os dois.)

CENA 11

EXT. EM FRENTE AO PRÉDIO DE LUANA

Luana e Manuela saem de casa, andam pelas ruas do Rio Vermelho lotadas de pessoas.

MANU

Eu apoio a tua decisão. Mas olha quanta gente tem aqui. É muito perigoso sair com essa câmera.

LUANA

Eu sei que é perigoso. Aliás, hoje tudo é perigoso. Mas, não dá para viver com medo. Se não a gente não faz nada.

MANU

É verdade. Mas, essa quantidade de gente me deixa intimidada, pelo menos no início. Depois eu me solto.

LUANA

Eu gosto dessa mistura. Salvador sabe como dar uma festa. E a festa de Iemanjá então. É todo tipo de gente.

(CONTINUED)

MANU

Eu não sabia que tanta gente acreditava nela.

LUANA

É irmã! Até parece uma turista na cidade.

MANU

Passei a vida estudando para fazer medicina. Agora ainda continuo no estudo. Conheço pouco mesmo.

LUANA

Essa mistura é algo que atravessou os séculos. Aqui, sagrado e profano andam juntos. Tem muita gente que vem para cá para trazer oferendas, cultar a mãe mesmo. Mas, tem gente que vem por curiosidade, por interesse em cultura, outras porque não querem peder uma festa, beber o dia todo e tem a galera da baderna, né?

(Manu olhava para irmã com orgulho, ela sorriu e abraçou Luana, que retribuiu.)

LUANA

Vamos logo comprar a flores, se não a fila fica grande.

MANU

E meu acarajé?

LUANA

Depois Manu, vamos logo levar as flores, se não a fila fica enorme, aí a gente come acarajé, tira fotos, até dá um mergulho se você quiser. Bora!

(Caminham na direção de uma barraquinha com flores)

EXT. ORLA DA RIBEIRA

Joaquim observava os barcos que saiam da ribeira para o Rio Vermelho. As pessoas dentro dos barcos levavam flores e outras oferendas, algumas seguiam cantando. Outras passam por ele em direção ao ponto de ônibus.

MARTA

Anda Naldo! Se não a gente perde o buzu!

(Fala com o irmão que não desgruda do celular.)

NALDO

Oxe! Pare de preça. Tenho que marcar com minha nega onde a gente vai se encontrar!

(Volta a olhar para o celular.)

MARTA

Bom dia seu Joaquim!

JOAQUIM

Bom dia! Atrasada para o buzu né?

MARTA

É esse descarado do meu irmão que não desgruda do celular.

JOAQUIM

Celular tá sendo um problema. Quando Joana fica na cozinha, vive queimando a comida por causa disso aí.

NALDO

Pronto, cabeí!

MARTA

Até mais.

JOAQUIM

Até mais.

(Eles passam rápido por Joaquim, que volta a olhar para o mar.)

ANDRÉ

Painho! Ô painho!

(CONTINUED)

JOAQUIM

Que foi?

ANDRÉ

Mainha tá pronta! Só tá esperando você.

(Observa o mar cheio de barcos.)

É difícil né? Hoje mais do que nos outros dias, ver todo mundo indo para festa e você sem o barco.

JOAQUIM

Desde de menino eu sempre passei a festa de iemanjá no mar. No barco de meu avô, depois do meu pai e no meu. É a primeira vez que eu vou para o Rio Vermelho no dia de Janaína sem meu barco. você tá certo. Hoje é mais difícil que nos outros dias.

ANDRÉ

Logo você tá de barco novo. Logo vai tá no mar.

JOAQUIM

Assim espero filho. Vumbora que sua mãe já deve estar se descabelando.

(Antes de sair com o filho, Joaquim olha mais uma vez para o mar. Ele ajuda a colocar tudo dentro do carro.)

Não vai caber todo mundo no carro não. Se eu tivesse meu barco a gente não ia ter preocupação.

(Não esconde a frustração na voz)

JOANA

Se preocupe não painho. Você vai no carro com mainha, minha vó e André. Eu vou com Edson.

JOAQUIM

Já disse que não quero você andando de moto com aquele lá.

DIEGO

Ô meu pai! Só por hoje vai? É por uma boa causa.

(CONTINUED)

JOAQUIM

Você sabe que eu não gosto de
motoqueiro. Eles não tem respeito
com ninguém.

JOANA

O senhor não gosta é do Edson, isso
sim.

JOAQUIM

Não gosto mesmo. É irresponsável,
malandro, cachaceiro e se você
pensa que eu não sei que ele anda
pegando corrida com aquela moto? Já
me falaram já viu?

JOANA

Você tem que parar de dar ouvidos
ao que esse povo fofoqueiro fala,
isso sim.

ANA

Chega vocês dois. Que hoje não é
dia para essa falação toda não.
Daqui para o Rio Vermelho demora e
a gente ainda tem que montar o
tabuleiro.

VERA

Diego, você não consegue carona
para você e sua irmã não?

DIEGO

Consigo sim.

JOANA

Não precisa, Edson vem me buscar e
eu vou com ele. Vou esperar lá
perto da sorveteira.
(Dá as costas para todos e sai
andando.)

JOAQUIM

Você não esqueça que tem que ajudar
sua mãe e avô, viu?
(Grita enquanto ela se
afasta.)

DIEGO

Bom, eu vou lá pra praia. Marquei
de encontrar com os meninos lá.

(CONTINUED)

JOAQUIM

Você também, não vá cair na festa e beber demais não.

DIEGO

Sei me cuidar meu pai. Até mais.
(Sai andando, enquanto o resto entra no carro e vai em direção ao Rio Vermelho.)

CENA 13

EXT. TODAS AS CENAS NA FESTA

No Rio Vermelho um grupo de amigos se reúnem em uma das cabanas, cantam animadamente. "Canto ao Pescador - Cheiro de Amor".

CENA 14

Com o tabuleiro já montado, Vera e Ana servem acarajé a Janaína que come satisfeita.

JANAÍNA

Olhe baiana, vou te dizer, eu estava fora da Bahia e morrendo de saudades. Principalmente de comer um acarajé baiano mesmo.

VERA

Tava fora da Bahia tem muito tempo?

JANAÍNA

Tem um tempinho sim. Vivo viajando. Não tenho porto certo. Mas, é aqui que tou em casa.

ANA

Só de ouvir você falando de não ter porto, fico lembrando de Joaquim, dos dias que ele saia para o mar. Eu ficava em casa na aflição só.

JANAÍNA

Joaquim é seu marido?

ANA

É sim, pescador.

(CONTINUED)

JANAÍNA

Tenho muitos amigos pescadores. São gente muito boa.

ANA

Mas eu queria mesmo que ele mudasse de vida. conseguisse um outro emprego.

JANAÍNA

Mas quem nasceu no mar, não se acostuma com a terra não.

ANA

Mês passado mesmo, teve um acidente. Ele perdeu o barco e um amigo nosso morreu.

VERA

A morte nunca é fácil de lidar. Mas, é a única certeza da vida. Ainda sim, eu prefiro ver meu genro de pescador, do que como seu pai. Ser mulher de policial é muito difícil. Eu não dormia até que ele chegasse em casa.

JANAÍNA

Mas, hoje o dia é de alegria. Não vamos falar de morte não.

VERA

É mesmo. Daqui a pouco meu netinho deve tá chegando. Ele mora lá no pelourinho, participa de um grupo de capoeira, disse que quem vai abrir a roda hoje é ele. Tá todo feliz.

JANAÍNA

Outra coisa que eu tenho saudades, capoeira.

ANA

E você joga?

JANAÍNA

Aprendi tem tempo. sempre que posso, danço um pouquinho. baiana, me dê uma dessas cocadas que tá com uma cara deliciosa.

Ao pegar a cocada ela sai. Encosta no muro e vê Joaquim nas pedras, parado observando o mar. Vai até ele.

CENA 15

JANAÍNA

Seu Joaquim!
(Chama atenção dele.)

JOAQUIM

Oi?!

JANAÍNA

Saudades do mar?

JOAQUIM

Demais. Me desculpe, mas é que eu não lembro de você. Mas tem uma aparecência familiar.

JANAÍNA

É que nunca conversamos antes. Mas eu sem bem quem é o senhor. Pescador não é?

JOAQUIM.

Sou. ... era ... não sei mais.

JANAÍNA

Já ouvi falar do senhor. Dizem que é um bom homem, bom pescador. É muito respeitado. Eu também trabalho no mar. Já vi você diversas vezes nessas águas.

JOAQUIM

O mar é minha casa. Tá difícil ficar longe dele.

JANAÍNA

Não desanime não.

JOAQUIM

Desde a noite que perdi meu barco que eu fico pensando. Por que Iemanjá não me levou também?

JANAÍNA

Ainda não é sua hora. Na hora certa, tenha certeza que ela vem te buscar.

(Olhava diretamente para ele, algo que incomodou Joaquim, que preferiu sair dali.)

(CONTINUED)

JOAQUIM

Você me dê licença, vou ver se
minha mulher precisa de alguma
coisa.

(Janaína apenas sorriu e deu
passagem para ele. Olhou para
o mar. E se jogou na água para
dar um mergulho.)

CENA 16

EXT. CORREDOR DA VITÓRIA

PLANO SEQUÊNCIA. A CÂMERA ENTRA NO CORREDOR, PERCORRENDO
PARTE PELA RUA, VIRA FOCANDO UM PRÉDIO, SE APROXIMANDO
MOSTRANDO A GUARITA E SOBE ATÉ A COBERTURA. PELA VARANDA
ENTRA NO APARTAMENTO.

INT. COBERTURA

CONTINUA O PLANO SEQUÊNCIA. MÁRCIA CAMINHA PELA CASA VAZIA.
VAI ATÉ A COZINHA E NÃO VER NINGUÉM, VOLTA PARA O QUARTO,
TROCA DE ROUPA E SAI DE CASA, ENTRA NO ELEVADOR.

CORTE SECO

INT. GARAGEM

Já na garagem ela entra no carro, coloca os óculos no rosto,
saído do condomínio e quase atropela um pedestre. Bate no
volante em revolta e passa as mãos no cabelo. corte. Ela
anda pela Perini, observa os pães e ouve vozes chamando por
ela.

EXT. EM FRENTE A PERINI

EDUARDO

Marcinha! E aí neguinha?!
(Chega e a abraça por trás,
dando um beijo na cabeça.)

(cont'd)

E aí?
(Dá um beijo nele sem ânimo.)

JULIANA

A gente tá indo lá para o Rio
Vermelho. Vamo?

(CONTINUED)

(O grupo de amigos aparece ao lado de Eduardo)

MÁRCIA

Não tou afim não.

FABIO

Há não Marcinha, vai furar com a gente?

MÁRCIA

É que hoje faz um mês que meu pai morreu.

JULIANA

Porra Marcinha! Aí amiga, isso é tudo tão difícil.

FABIO

Ô Marcinha, vamo pra festa. Quem sabe você não se distraí um pouco. Esquece essa tristeza aí. Vamo lá. Olha, a gente compra uma rosa e joga para Iemanjá...

MÁRCIA

Nem me fala em Iemanjá, viu? Não tou boa com ela.
(Ergue a voz irritada.)

EDUARDO

Oxe marcinha. Que raiva é essa?

MÁRCIA

Meu pai morreu no mar. Seja pescador ou não. No mar não tem acidente. Só a vontade de Iemanjá e ela levou meu pai.

FABIO

Então vamos pra festa, nem que seja para você gritar com a rainha do mar toda a sua raiva. Vai te fazer bem. e ó...

(Mostra o conteúdo da sacola para ela e pisca o olho)

Vamo?

(Márcia sorrir para ele.)

MÁRCIA

Vamo lá!... Mas, deixa eu guardar meu carro e a gente usa um só.

(Eles concordam com a cabeça e ela entra no carro.)

CENA 17

Luana e Manuela colocam um buquê diante de Iemanjá.

MANU
Olha, uma fila dessas eu só
enfrento por você.

LUANA
Bom! Já que você fez esse
sacrifício... ainda tá com vontade
de comer aquele acarajé?

MANU
Sempre! Sabe que é minha comida
favorita.

Se aproximaram da barraca de Vera e Ana.

LUANA
Olá baiana!

VERA
Bom dia minhas filhas!
(Manu acena sorrindo.)

ANA
Vão querer acarajé ou abará?

MANU
Dois acarajés.

LUANA
E no meu, bote aquela pimentinha.
(Enquanto elas servem o
acarajé, Joaquim chega.)

JOAQUIM
Vão beber alguma coisa meninas?

LUANA
Uma cervejinha! A mais gela viu?
(Ele sorri para ela.)

MANU
Cedo assim?

LUANA
Dia de festa! Relaxe!

MANU
Eu vou na coca mesmo.
(Elas recebem o acarajé e as
latinhas.)

(CONTINUED)

LUANA
Valeu! Axé pra vocês!

ANA
Axé!
(Saem andando e comendo.)

CENA 18

MANU
Oxe, não é aquela patricinha que
ameaçou o jornal?
(Observa Márcia com os amigos)

LUANA
É.

MANU
Há não. Eu não acredito que no meio
dessa festa cheia de gente, a gente
tem que dar de cara com justo com
ela.

LUANA
Se você não reparou, o cara que
serviu a gente, era o pescador que
perdeu o barco.

MANU
Não brinca?! ... Mas dá um desconto
vai. O cara tava de chapéu. Mesmo
assim. A gente dá de cara com o
pescador, agora com a patricinha.

LUANA
É que festa de Iemanjá é assim.
Atraí todo tipo de gente. É por
isso que eu acho tão bonito.

MANU
Olha aí, minha irmã sonhadora
voltando a ser o que era. Tão
bonitinho ver você falando assim,
toda encantada e babona.

LUANA
Não vou mentir. Acho que a melhor
coisa que me aconteceu foi vir para
Bahia. ... Aqui é tudo tão louco e
mágico. Tanta gente que nunca
imaginaria dividir o mesmo espaço
hoje tá aqui. ... tudo graças
rainha do mar, nossa mãe Iemanjá.

(CONTINUED)

JANAÍNA

Bonitas palavras.

(Iemanjá aparece perto delas,
que primeiramente não falam
nada. Apenas olham para ela.
Janaína fica envaidecida com
as palavras de Luana.)

JANAÍNA

Achei bonito como se refere a
cidade e a festa.

(Estende a mão para ela.)

Janaína.

(Se apresenta.)

LUANA

Luana. ... Mas, Janaína?

(Se refere com dúvida ao nome
da mulher.)

JANAÍNA

É.

LUANA

Mesmo nome da Rainha do Mar.

CENA 19

JANAÍNA

É. Ganhei o nome em homenagem a
ela.

MANU

Me perdi. Janaína, Iemanjá... não
entendi.

LUANA

Essa é minha irmã, Manuela. Só tem
cabeça para medicina. ... Deixa eu
explicar. Iemanjá tem vários nomes.
Janaína, Inê, Princesa de Aiocá.

JANAÍNA

Olha, mas temos uma especialista no
assunto.

LUANA

Nada. apenas amo a cultura da terra
e Jorge Amado.

(CONTINUED)

JANAÍNA

Já viajei o mundo, muitas pessoas que vieram conhecer a Bahia ou tem vontade de vir, é graças a Jorge.

(Janaína observa a câmera nas mãos de Luana.)

JANAÍNA

Posso?

(Luana passa a câmera para ela, que observa com atenção.)

JANAÍNA

Tem talento! As fotos são lindas! É para algum trabalho ou só por diversão?

LUANA

É mais do que para um trabalho... é para me encontrar.

(Janaína apenas a observa, como se quisesse questionar algo, depois leva o olhar para o mar e Luana também.)

JANAÍNA

Pode me contar o que quiser. Estou aqui para te ouvir.

LUANA

Quando era criança eu cantava por tudo, dançava por tudo. brincava de ser atriz... e fui crescendo e... arte, tudo o que eu queria era trabalhar com arte.

(Fala de forma lenta e com um pouco de receio.)

Eu sei que é loucura para muitos, mas, era tudo, era o meu mundo e aquele sonho me realizava.

JANAÍNA

Algo no seu olhar me diz que você não parece realizada.

LUANA

Meus pais me apoiaram no que puderam.

MANU

Sempre tivemos o melhor.

(Se aproxima e segura a mão da irmã como um sinal de conforto)

(CONTINUED)

A Lua chegou até ir para fora estudar cinema.

JANAÍNA

Massa!

LUANA

Tudo ia bem. Aí veio o baque. Minha mãe estava com câncer e minha família não tinha condição de manter meus estudos fora do país e o tratamento. Eu voltei sem pensar duas vezes.

(Ela parou um pouco.)

JANAÍNA

Tudo bem se não quiser falar. Sei que é doloroso.

LUANA

Eu preciso. Nunca falei antes.

(Suspirou)

Eu acompanhei minha mãe, estava lá nos momentos agonizantes e de esperança. as chances eram poucas, mas não desistimos dela. Eu estava lá quando ela morreu, acho que ela sentiu que estava para acontecer.

Flashback.

INT. QUARTO DE HOSPITAL

Luana lia Mar Morto sentada na poltrona do hospital.

SOFIA

Filha, venha cá.

Sofia esta na cama, estava pálida, já não tinha cabelos, fala devagar. Luana levanta, deixa o livro na poltrona, puxa uma cadeira para perto da mãe, que faz um sinal para que ela deita no seu colo. Luana coloca a cabeça no colo da mãe, que alisa seus cabelos, enquanto recebe o carinho, ela fecha os olhos.

SOFIA

Cuida da irmã e se cuide. Lute por seus sonhos. Eu te amo.

(A mão de Sofia para, Luana chora em silêncio, buscando a a outra mão caída da mãe, mas não ergue a cabeça.)

Fim do Flashbak

EXT. FESTA DE IEMANJÁ

LUANA

Não lembro quando parei de chorar. Tudo que aconteceu depois, eu não sei, ... A dor foi tão grande que até pareceu que eu tinha morrido. E depois foi meu pai. Não demorou muito e ele morreu. Os dois eram tão unidos.

JANAÍNA

Ainda são.
(Falou com certeza. Manu que agora olha o horizonte, limpa as lágrimas no rosto.)
Continue sua história.

LUANA

Manu. Minha irmã se tornou a minha força.
(Passa a mão nos cabelos da irmã.)
Ela era jovem, ainda precisava de alguém. Eu vendi nosso apartamento na Barra, que era um excelente apartamento, comprei um aqui no Rio Vermelho.

MANU

Você comprou um apartamento.
(Ri um pouco, fazendo a irmã rir também.)

LUANA

No primeiro ano, a Manu só dormia comigo, depois ela foi para o quarto dela, mas qualquer coisinha vinha correndo.
(Luana para e olha um pouco em volta.)
Uma fesa acontecendo e eu aqui, contando essa história triste.
Desculpa.

JANAÍNA

Magina. muitas pessoas vem aqui hoje para fazerem pedidos, buscar conforto, força. ... olhe para o mar.

(CONTINUED)

LUANA

O vai e vem das onda, é difícil explicar, eu fico olhando, tem algo ali que hipnotiza, sabe? E faz bem. quando as ondas vão embora, parece que o as coisas negativas ao nosso redor, vão junto. Mesmo que por instantes. é misterioso. ... Manu, segura aqui.

(Luana entrega a câmera para ela, fica de biquíni e entrega a mochila para irmã.)

Já volto.

(Ela desce a escada e se joga na água. ainda dentro da água ela ora para Iemanjá.)

Eu não posso desistir de mim. Vou me reencontrar. A única coisa que te peço, é que esteja comigo, que no vai e vêm de tuas ondas, me dê forças para nunca desistir. Por aqui, no mar é que é meu refúgio, meu porto seguro. minha fonte de inspiração e renovação. Odojá!

JANAÍNA

Odojá!

(Diz ao lado de Manu, que tira fotos da irmã.)

O ROSTO DE JANAÍNA APARECE EM CLOSE E SUA VOZ É COMO UMA RESPOSTA A ORAÇÃO DE LUANA.

CENA 20

Luana sai da água e volta para o lado das duas. Observa uma roda de capoeira se formar, coloca o short e pega a câmera das mãos da irmã. Ela começa a fotografar. Diego e Joana se aproximam do tabuleiro.

DIEGO

Mandou chamar minha avó?

VERA

Fiquem aqui um pouco. Quero ver o primo de vocês na roda.

JOANA

Pode ir minha avó.

Vera e Ana se aproximam da roda. enquanto as crianças jogam, mestre Tuca puxa as músicas.

CENA 21

Márcia senta no muro, continua bebendo.

FABIO

É uma multidão, cada ano que passa
isso aqui fica mais louco e mais eu
gosto.

JULIANA

Independente de religião, a gente
tem que assumir que essa festa é
massa demais. E digo mais, se é pra
falar de religião, ninguém festeja
melhor que o povo do camdoblé.

(Fabio pega a garrafa com
Márcia)

MÁRCIA

Serve mesmo é só pra beber. O resto
aí, é coisa do demônio.

EDU

Oxe... hoje você tá com a macaca.

MÁRCIA

É isso mesmo. Órixa? Isso não é de
Deus não. É do demônio! É magia
negra que domina esse povo.

JULIANA

Tá pegando pesado amiga. São deuses
também. Pode não ser sua cultura,
mas para muitas gente, essas
divindades são muito importantes.

MÁRCIA

Feitiçaria. E olha, não duvido nada
que o acidente do meu pai tenha
sido encomendado por algum desses
seguidores do diabo, a essa bruxa
do mar.

(Pega a garrafa da mão de
Fabio e vira na boca.)

JOAQUIM

Acho que você deveria ter mais
respeito pela mãe em dia de festa
dela, garota. Especialmente estando
tão perto da casa dela.

(Joaquim falou, ele passava
pelo local e ouviu as
acusações de Márcia.)

(CONTINUED)

MÁRCIA

Tou reconhecendo você. É o pescador.

(Desce do muro onde estava.)

EDU

Desde quando você conhece pescador?

MÁRCIA

O pescador que estava no acidente que meu pai morreu.

(Márcia já demonstra alteração.)

JOAQUIM

Nunca tive a oportunidade de falar pessoalmente. Mas, sinto muito sua perda.

(A voz não era alto, apenas o suficiente para ela ouvir, era uma voz triste.)

MÁRCIA

Pois vá para porra com esse seu "sinto muito".

(Explode de vez.)

JULIANA

Calma amiga...

(Interrompe a fala dela com brutalidade.)

MÁRCIA

É fácil para ele dizer que sente muito. É um macumbeirozinho que acreditava nesse diabo do mar. Por isso tá vivo. mas, meu pai que era um homem de Deus, esse tá morto. Se bem que também não adiantou nada ele acreditar em Deus, pagar díizimo. Foi morto no mar, por essa aí.

(Apontou para a casa de Iemanjá.)

É lógico que ela não salvaria meu pai. E sim esse macumbeiro aí.

JOAQUIM

Já chega garota. Teu pai morreu em um acidente. Que ele mesmo provocou porque estava bêbado. Janaína, deus, eles nos protejem e a cor não importa, ou se é rico, ou se é

(MORE)

(CONTINUED)

JOAQUIM (cont'd)

pobre. somos todos filhos dele. Teu pai abusou. Rico, tinha tudo, bebeu demais e causou a própria morte. Matou um filho de deus que batalhava ajudando criança carente e eu fiquei sem barco. Mas, não fico por aí revoltado e culpando todo mundo não.

MÁRCIA

Para cima de mim não! Aposto que está com tanta raiva de mim agora que é capaz de encomendar um trabalho pra essas mãe de santo aí.

JOAQUIM

Olha aqui garota. Eu sei que muita gente vem para essa festa pra beber e até fazer bagunça. Mas, o que esta fazendo, isso é desrespeito. desrespeito com uma divindade, com uma cultura, uma crença.

(Joaquim tentou se acalmar.)

MÁRCIA

Lá vem discurso de negro ofendido. É sempre a mesma coisa de injustiça e escravidão e pobreza.

JOAQUIM

Não é questão de injustiça. Você e seu pai não foram as únicas vítimas daquele acidente, daquela tragédia. Tem muita gente sofrendo. ... Mas não é agredindo as pessoas que sua dor vai passar, nem desrespeitando uma festa que vai além da curtição. Que é tradição de um povo, uma demonstração de fé. Você e seus amigos são sempre bem vindos aqui. Mas tem que respeitar, respeitar principalmente Iemanjá que é uma divindade e órixa muito poderosa.

(Márcia se aproxima e olha com afronta.)

MÁRCIA

Que se dane você e sua bruxa.
(Pega a garrafa da mão de Fabio e sai empurrando o povo.)

CENA 22

Após a saída de Márcia, Joaquim retorna ao tabuleiro.

JOAQUIM
Cadê a mãe de vocês?

JOANA
Foi ver a roda de capoeira. Meu primo ia jogar.
(Ele olhou ao redor, localizou a roda, mas não parece prestar atenção.)

JOAQUIM
E André?

DIEGO
Na praia. Encontrou com amigo teu que tava de canoa.
(Joaquim abre o isopor e pega uma água)

JOAQUIM
Tá quente pra porra aqui.
(Ele olhou ao redor, localizou a roda, mas não parece prestar atenção.)
Ela precisa de ajuda.

DIEGO
Quem painho?

JOAQUIM
Pensando alto filho. Só isso.
(Diego deu de ombros.)

CENA 23

Luana foca a câmera e vê alguém na imagem. Ela caminha até a pessoa.

LUANA
Apreciando a festa, Gringo?
(Chega falando animada com ele de surpresa e animada.)

MATTHEW
Luana!
(Fala contente ao virar e reconhecer Luana. Tem sotaque forte.)

(CONTINUED)

LUANA

Deixa eu te apresentar minha
irmãzinha, Manuela. Manu, esse é o
Matt.

MATTHEW

Nice to meet you.
(Beija a mão dela que dá
risada.)

MANU

Pode chamar Manu mesmo. E muito
prazer.

LUANA

Fazendo turismo?

MATTHEW

E trabalhando. Lembro de você
falando da Bahia e sempre tive
vontade de conhecer. And now i'm
here... Pesquisa de campo.
(Mistura português e inglês.)

LUANA

Ele é dono de uma produtora. sempre
chamava o pessoal do curso pra
fazer bico lá.
(Explicava para irmã.)

MATTHEW

So... I want to make a movie.
romance. com esse cenário. It's
amazing! E quero elementos daqui.

MANU

Aí, Iemanjá esta rápida hein mana?
(Luana olha para Manu.)
Vem cá gringo! Minha irmã é a
pessoa ideal para esse projeto.

LUANA

Deixa de ser frete menina.

MANU

Oxe... frete nada. gringo se ligue.
vocês aí da arte, são meio
doidinhos viu? Tem isso de buscar
inspiração no interior, tudo muito
dramático. e só essas viagens de
você dá um filme. hoje mesmo ela
saiu de casa, para tirar umas
fotos... que segundo ela é para se
encontrar.

(CONTINUED)

LUANA

É sim. são fotos para mim. para eu tentar resgatar aquela Luana que saia por aí e conseguia ver toda uma história por trás de um simples churrasquinho.

(Aponta na direção do carrinho de churrasquinho)

MANU

É né? Não entendo nada, mas tudo bem.

LUANA

Ah Manu, é que é difícil explicar. não é nem uma questão de ser dramática. é como uma inquietação, uma busca por algo novo sempre... e acho isso fascinante. Me faz bem.

(Matthew observava a paixão na fala de Luana.)

CENA 24

JANAÍNA

Mestre tuca!

(Chama atenção do mestre.)

TUCA

Ô minha senhora.

(Ele virou para ela.)

JANAÍNA

Mestre, será que eu poderia entrar um pouquinho na roda? É que faz tempo que eu não jogo e bateu uma saudade.

(Tuca nota algo em Janaína, não dava para dizer não para ela.)

TUCA

Vamos fazer assim, você entra comigo.

(Virou para o contra mestre.)

Ô Dado, assume aí.

(Passa o berimbau para ele.)

Vou entrar na roda.

Tuca entrou na roda acompanhado de Janaína. Assim que ela entrou na roda, todos ficaram impressionados. Tudo parou, aplaudiu, ela agradeceu e os dois prosseguiram.

CENA 25

Imagens de vários locais da festa aparecem.

TUCA

Fiquei surpreso! Você dança bem.

JANAÍNA

Desde de criancinha que eu jogo!
Viajei muito por esse mundo e
joguei com vários povos.

TUCA

Uma coisa que eu sempre gostei na
capoeira. Ela une gente diferente.
já conheci muito lugar nesse Brasil
graças a capoeira. Na capoeira a
gente é uma família, tento sempre
ensinar isso aos meus meninos.

JANAÍNA

É um projeto social né?

TUCA

É sim. Eu comecei um projeto com
meu irmão, lá no centro histórico.
(Por um momento ele tira o
sorriso do rosto.)

JANAÍNA

O que foi?

TUCA

Lembrei do meu irmão. Hoje faz um
mês que ele morreu. E eu não faço
ideia de como tocar esse projeto
sem ele.

(Ela olha para ele, mas fica
calada, deixa Tuca falar.)

A capoeira é minha vida. Quando eu
e o meu irmão éramos moleques ela nos
salvou. Hoje a gente podia ser
bandido, mas tiramos a nossa força
para seguir em frente da dança. Eu
dou aula em academias durante boa
parte do meu tempo, tenho que me
sustentar e sustentar o projeto.
dividia tudo com ele. As doações
que a gente recebe é pouco.

JANAÍNA

Muitas dessas crianças precisam de
uma motivação, um objetivo, como um
dia você precisou.

(CONTINUED)

TUCA

Quanto mais eu tento, mais parece que minha visão está tapada. Não consigo pensar em uma saída que salve o projeto.

JANAÍNA

Mestre, seu luto é recente. Você tinha seu irmão, um amigo, parceiro, era sua família. Agora, você se vê sozinho pela primeira vez. É normal se sentir perdido.

TUCA

É que eu penso nas crianças, muitas delas precisam do projeto. Você sabe que hoje para uma criança que nasce pobre é muito fácil ela entrar no mal caminho.

JANAÍNA

São seduzidas fácil pelo dinheiro e promessas de uma melhora de vida de forma rápida.

TUCA

Eu poderia ter entrado por esse caminho. mas, aí veio a capoeira... eu consegui encontrar um modo digno de continuar a viver. um rumo bom sabe? É difícil... vixe... passei muita dificuldade, até hoje passo.

JANAÍNA

Mas você ainda sim você batalha dia a dia pra sobreviver.

(Ele sorriu afirmativamente.)

Esse mundo é mesmo uma selva, é luta sem fim. E esse seu projeto dá esperança para estas crianças.

TUCA

É né? O difícil tá sendo ver uma esperança pra mim.

JANAÍNA

Que você vê negão?

(Aponta para a fila de pessoas esperando para colocar as oferendas nos pés de Iemanjá.)

TUCA

Fé!

(Ele fala rápido. depois cruza os braços e recosta na parede e mantém o olhar fixo na fila.)

Hoje eu já vi pessoas de fé, em busca de respostas, conquistas, agradecimentos. mas eu também vi pessoas que no dia a dia não demonstram serem religiosas... e gente não não acredita em órixa. mas, estão aqui e com um sorriso no Rosto, algumas até levam flores para a mãe. É como se pelo menos uma vez eles se deixassem acreditar em uma força maior. Seria bom se sempre fosse assim.

JANAÍNA

"Quem sabe um dia a paz vence a guerra e viver será só festejar."

TUCA

Isso. Acho que o dia de hoje é algo desse tipo. Um momento para se respirar, para se ficar em paz em meio a loucura que todos os outros dias representam.

JANAÍNA

E bote loucura nisso. Porque Salvador não tá fácil, a gente precisa se benzer todo dia antes de sair de casa.

(Falou como se tirasse um peso das costas.)

Tanta gente... tanto tipo de gente. não parece real. As vezes acho que é delírio.

(Observa um pessoal que passa cantando e dançando.)

Viu? Essa mistura toda pode acontecer. Está diante dos nossos olhos.

(Tenta animá-lo.)

Não desista não. Você faz o bem... dá aquelas crianças esperança de um futuro melhor. Algo assim não passa despercebido.

(CONTINUED)

TUCA

Você passa uma energia muito positiva.

(Batem as mãos em um high five.)

Rumbora que ainda tenho que jogar muito hoje.

(Ele volta para a roda e assume o berimbau.)

CENA 24

EDSON

Encontrei com teu pai tem pouco. até que ele não birra comigo hoje.

JOANA

Dia de hoje ele sempre fica mais calmo... sempre fez bem para o velho... aí veio o problema do barco e ele ficou pra baixo... meio que não sabe o que fazer, onde ficar. nem como agir e falar ele sabe direito.

EDSON

O mar é a vida dele, o que ele conhece... aí ele perde o barco e tem que aprender a ser um homem da terra. É puxado.

(Vira para um ambulante.)

Duas cervejas.

AMBULANTE

Três é cinco véi.

EDSON

Beleza. a gente fica aqui e guarda essa terceira.

JOANA

Ele até conseguiu um barco para alugar. Mas fica caro pagar aluguel e conserto do outro barco.

EDSON

Eu posso conseguir o conserto pela metade numa oficina de um tio meu. Será que teu pai implica comigo. Dá nem pra falar com ele direito.

(CONTINUED)

JOANA

Eu falo com mainha, aí fica mais fácil

EDSON

Massa. vem cá, a gente vai para festa né?

JOANA

Aí ó... é por isso que painho implica. É só você ganhar dinheiro e gastar com festa.

EDSON

Não implica não. E já tá tudo pago. é open bar.

JOANA

Sei se rola ir não. Vou ver aí.

CENA 25

DIEGO

Essa tá no ponto.
(Diz sentindo a temperatura da cerveja.)

JORGINHO

Brindezinho. Brindezinho.
(Sugere e todos brindam.)

DIEGO

Ô véi, faz um sonzinho aí.

IGOR

Já viu a zuada? Ninguém vai nem ouvir.
(Diz um dos amigos com o violão na mão.)

DIEGO

E daí maluco? Puxa que a gente canta e tá de boa.
(O amigo balançou a cabeça e começou a tocar.)

IGOR

Então, vamos de uma que combine com o momento.
(Ele dá os primeiros acordes da música)

Nessa cidade todo mundo é d'oxum homem, menino, menina, mulher

(MORE)

(CONTINUED)

IGOR (cont'd)
 toda essa gente irradia a magia
 Presente na água doce
 presente na água salgada e toda
 cidade brilha

JORGINHO
 Essa música pode até falar de oxum.
 mas, tem tudo a ver com essa festa.

IGOR
 Seja tenente ou filho de pescador
 Ou importante desembargador
 Se da presente é tudo uma coisa só

DIEGO
 A força que mora n'água
 Não faz distância de cor
 E toda a cidade é d'óxum
 (Todos se juntam a ele no
 refrão)
 Eu vou navegar
 Eu vou navegar nas ondas do mar eu
 vou

Eles vão batucando na mesa enquanto bebem. A música segue com as imagens da festa.

CENA 26

LUANA
 Comendo de novo?
 (Se aproxima da irmã que está
 com um espetinho na mão.)

MANU
 Estou de folga! Sem faculdade, sem
 dieta. Hoje é dia de festa!

LUANA
 Todo dia é dia de festa nessa
 cidade. Sempre tem alguém dispoto a
 comer água e descer até o chão
 todos os dias.

MANU
 Pega mais um, de queijo agora.
 (Pede ao dono da barraca.)

LUANA
 Me dá um de carne. Vai querer um
 gringo?

(CONTINUED)

MATTHEW

Yeah. Pig.

LUANA

Um de carne de porco também.

(Acrésceta para o vendedor.)

E uma cerveja gelada. Beeem gelada!

CENA 27

INT. APARTAMENTO OLAVO

MÁRCIA

Qual foi Olavo, eu tava na festa e
você me faz sair do rio vermelho
pra pituba. já viu como o trânsito
esta um inferno hoje?

OLAVO

O trânsito em Salvador está um
inferno todo dia. E com essas obras
pela cidade pior ainda, para tudo.
E em dia de festa, nem comento. Aí
é que para tudo mesmo.

MÁRCIA

Adianta o assunto. Quero voltar
para festa.

OLAVO

Você esta fedendo a bebida.

MÁRCIA

Você não é meu pai.
(É grosseira com ele)

OLAVO

Não sou. Mas ele confiava em mim...
eu vi você crescer menina. Está na
hora de tomar responsabilidade. Seu
pai era um homem bom, que foi
embora cedo. Agora você é
responsável por tudo que ele
construiu, algo que seu avó
construiu e deixou como patrimônio.

MÁRCIA

Não perde uma oportunidade de
tentar da uma lição de moral né?

(CONTINUED)

OLAVO

Não é sobre isso que estou falando. você nunca se importou com nada. Ia para faculdade por ir. Suas preocupações eram salão, academia e festa. Essa vida boa acabou márcia.

MÁRCIA

Ó aqui Olavo, eu não tô pronta pra isso não. hoje é dia festa, esta todo mundo lá fora curtinho e eu não vou ficar aqui ouvindo seus sermãozinho não. me erra.

(Márcia bate a porta da casa do advogado. Ela caminha um pouco pelas ruas, o fluxo de carro é grande. entra em um táxi.)

Me deixa o mais próximo da praia da Paciência.

O motorista segue para onde ela pediu, as imagens acompanham parte do trajeto do carro e márcia com o olhar perdido na janela.

CENA 28

ENQUANTO O MOTORISTA SEGUE POR UM CAMINHO COM MÁRCIA, IMAGENS DO TRÂNSITO DA CIDADE PASSAM EM TIME LAPSE, PARANDO EM JOAQUIM QUE APARECE DESCENDO DO CARRO JÁ NA RIBEIRA. ELE CAMINHA E SENTA EM UM BAR.

INT. BAR

PEDRÃO

Já voltou?

É o garçom que trabalha no bar e conhece Joaquim.

JOAQUIM

Não tenho o que fazer lá. Tava andando pra cima e pra baixo todo perdido. Até tentei ajudar no tabuleiro, mas... sei lá. Melhor voltar para casa.

PEDRÃO

Vai querer uma gelada?

(CONTINUED)

JOAQUIM

Não. Trás a branquinha mesmo.
(Enquanto pedrão serve,
Joaquim senta no balcão
observa o mar. Ao ver que
pedrão termina de botar a
bebida no copo na sua frente,
ele pega e vira na boca.)
Rapaz... Coisa forte é essa? Não
estou acostumado com isso não.

PEDRÃO

Tem uns maluco aí, que é o dia
todo.

JOAQUIM

Lá ele! A experiência já tá de bom
tamanho. Manda uma cerveja mesmo.

PEDRÃO

Porra véi! Achei que você ia ser o
nova Berro D'Água. O da vida real
dessa fez.
(Brincou com o amigo.)

JOAQUIM

Não. Quero mesmo é voltar pro mar.

PEDRÃO

Como tá o conserto do barco?

JOAQUIM

Parado. Não tenho dinheiro. Quer
dizer, o que eu tenho não é
suficiente pra bancar pessa nova e
mão de obra. Tenho que ver se
consigo levantar algum primeiro.
(Pedrão bota a garrafa em cima
da mesa e abre a cerveja.)

IVAN

Olha só que eu encontro. Joaquim,
como vai capitão?
(Diz entrando no bar. Dá um
abraço no amigo.)

JOAQUIM

Capitão sem barco! Como tá meu
amigo?

IVAN

Morrendo de saudades de casa.
(Estende a mão para pedrão.)

(CONTINUED)

JOAQUIM

Mais um copo aí pedrão.
(O garçom pega outro copo e serve ivan.)

IVAN

Que história é essa de sem barco?

JOAQUIM

Acidente. um ricaço bateu no meu barco, morreu na hora. Lembra do mestre Peu?

IVAN

O do projeto lá no Pelô? Sei!

JOAQUIM

Tava comigo. Morreu na hora.

IVAN

Vixe... a coisa então foi feia!

JOAQUIM

Não gosto nem de lembrar... me fala de você. Por onde andou esses anos?

IVAN

Tive por São Saulo, Rio, aí depois fui lá pra cima. Fortaleza, passei um bom tempo lá. Aí bateu a saudade e já viu né? Voltei!... mas, juntei um dinheiro nesse tempo, tou querendo abrir um negócio por aqui. Restaurante talvez.

PEDRÃO

Desiste negão. a coisa aqui não ta boa. esses dias mesmo seu orlando falou em fecha o bar.

JOAQUIM

Como assim fechar um negócio de família?

PEDRÃO

Ô véi, o movimento tá cada vez pior. Ele esta sem opção.

IVAN

Oxe... por que isso?

(CONTINUED)

PEDRÃO

Foi essa reforma aí. O faraó anão tá mandando ver nas reformas na cidade. Quer deixar bonita pra turista vê. Só que ele mete a mão na massa sem falar com moradores, comerciantes, ninguém. E aí, tá dando nisso. Antes você vinha pra praia e ela tava lotada, era até difícil ver a areia. hoje, é deserto. Lógico que pra quem vem de fora, tá massa. Fácil de andar, as crianças vivem correndo de um lado para outro. Meu sobrinho mesmo. Deu quatro dá tarde, tá com o skate pra cima e pra baixo... mas quem tinha negócio que dependia de forte movimento. Aí tá tudo na pior.

IVAN

Porra! Me desarmou agora. Estava todo animado.

JOAQUIM

Vai ter que achar outra saída amigo.

IVAM

É.

(Ivan virou o copo de
cerveja.)

E aí? Meu irmão deixou a chave do barco dele comigo, não era como o teu, é menor, só pra quem pesca de esporte, mas... tá afim de ir lá pro Rio Vermelho?

JOAQUIM

De barco? Na hora! Tou doido pra voltar para mar. Nem que seja por um tempinho. Esse velho lobo aqui precisa navegar.

(Pega a carteira pra pagar a
bebida.)

PEDRÃO

Guarda isso. Deixa esse por conta da casa, velho Quincas.

(Ele aperta a mão de pedrão.)

JOAQUIM

Vumbora?

IVAN

Bora.
(Deixam o bar.)

CENA 29

Márcia solta do táxi, ela observa um pouco a movimentação das pessoas.

Flashback - Márcia está com os amigos na festa, esta sorridente, Eduardo se aproxima e dá um beijo nela. todos continuam bebendo, em clima alegre.

MÁRCIA

Amo essa festa!

LUCAS

Ama? Pensei que não acreditasse em órixa?

MÁRCIA

Não acredito, mas é festa! Quero mais é beber todas, curtir muito!
(Eduardo se mantém atrás dela, abraçado, dá um outro beijo agora na bochecha, ela joga a latinha para o lado, se junta às amigas que estavam dançando)

Fim do flashback

Márcia entra em um mercado que tinha ali perto e foi direto para a sessão de bebidas, passou um tempo olhando e pega por fim uma garrafa de whisky, de dose pequena. Já na rua ela vai bebendo o mais rápido que pode até esvaziar a garrafa, joga no meio da rua. Sai andando e esbarra em alguém, levanta os braços, continua andando, se junta a multidão e começa dançar ao som da música que toca forte.

Janaína esta em cima do palco montado ali, junto com a banda que esta tocando.

JANAÍNA

A cor dessa cidade sou eu
O canto dessa cidade é meu

MANU

Essa Janaína é demais. Onde a louca tá.

(CONTINUED)

(Aponta para o palco.)

JANAÍNA

O gueto, a rua, a fé
 Eu vou andando a pé
 Pela cidade bonita
 O toque do afoxé
 E a força, de onde vem?
 Ninguém explica
 Ela é bonita

LUANA

Ela é demais! Tem alguma coisa, uma
 energia que sai dela que é muito
 bom, faz bem.

JANAÍNA

Janaína
 Uô ô
 Verdadeiro amor
 Uô ô
 Você vai onde eu vou

MATTHEW

Nice song! É dela?

MANU

De daniela mercury, o nome é O
 Canto da Cidade.

JANAÍNA

Não diga que não me quer
 Não diga que não quer mais
 Eu sou o silêncio da noite
 O sol da manhã
 (Luana olhou para o palco e
 depois na direção da praia,
 voltou a olhar para o palco.)
 Mil voltas o mundo tem
 Mas tem um ponto final
 Eu sou o primeiro que canta
 Eu sou o carnaval

LUANA

Parece mais o canto de Iemanjá.

MANU

Esta viajando Lua?

LUANA

"A cor dessa cidade sou eu
 O canto dessa cidade é meu"
 É um perfeito significado para
 Iemanjá.

(CONTINUED)

(Janaína continua no palco,
cantando e animando todos.
Luana pega a câmera e bate
umas fotos.)

CENA 31

Tuca está passando perto da fila e vê alguém acenando.

TUCA
Não acredito!

CRIS
Mestre tuca!

TUCA
Cris, que bom te ver aqui, andando,
bem.
(Ele não esconde a
felicidade.)

CRIS
Vim agradecer né mestre? ... quando
lembro daquele acidente de moto
fico até arrepiada.

TUCA
Tem que ficar mesmo menina. Quanto
tempo você ficou na cadeira de
rodas mesmo?

CRIS
Vixe! Foi muito tempo, nem lembro
direito, acho que só na cadeira eu
fiquei mais de um ano.

TUCA
E agora? Já pensa em voltar a
treinar?

CRIS
Penso sim. mas ainda não posso.
Ando normal, mas luta ainda não dá.
tô na fisioterapia sabe? Acho que
fico até meio do ano. Mas, acho que
só volto para capoeira ano que
vem... você ainda esta na academia
da barra?

TUCA
Tou. vou ficar lá esperando sua
volta.

(CONTINUED)

(Ele segurou a mão dela
feliz.)
Muito bom te ver aqui mesmo.

CRIS

Eu tinha que vir. Ano passado eu vim na cadeira de rodas pedir uma forcinha para voltar a andar. Agora é hora de agradecer.

TUCA

E vejo que o agradecimento ta forte.

(Observa que ela carrega um barco feito em madeira, uma cópia de um saveiro, deveria ter 50 cm de comprimento. Wstava todo coberto em rosas na cor branca e azul.)

Valente.

(Falou o nome escrito na lateral do pequeno saveiro.)

Nome interessante.

CRIS

Nome de um dos saveiros mais famosos que já existiu. Pelo menos na literatura.

(Ela sorriu.)

TUCA

Mas também é uma boa referência. Já que você é essa guerreira, valente e que passou por uma batalha grande.

CRIS

É mesmo mestre. Valeu.

TUCA

Que é isso. se cuida menina. Quero te ver jogando logo.

CRIS

É mestre... aquele projeto, você ainda tem?

TUCA

Oxe, mas é claro. A gente faz o que pode.

CRIS
Eu quero ajudar.

TUCA
Sério?
(Não esconde o sorriso.)

CRIS
Eu fui atirada de uma moto em movimento a mais de 15 metros, fiquei mais de um ano. E agora estou andando... fui muito abençoada... acho que ajudar a quem precisa é o melhor jeito de retribuir o bem que aconteceu comigo.

TUCA
É muito bom ouvir isso. Especialmente nesse momento que estamos precisando muito. Vai lá no Pelô, tenho certeza que vai gostar de conhecer o projeto e as crianças vão gostar de te conhecer também.

CRIS
Pode deixar mestre, eu vou sim.
(Sorri para o mestre, enquanto a câmera vai subindo, pegando uma imagem aérea do local.)

CENA 32

Joaquim navega no pequeno barco de pesca apenas por esporte. a câmera passa a ser objetiva. Vemos o mar e o caminho da Ribeira até o Rio Vermelho, mostrando a vista da cidade a partir do mar, Joaquim sorri.

CENA 33

Janaína caminha feliz, novamente cruza o caminho de Luana.

LUANA
Olha, você arrasou no palco.

JANAÍNA
Tava só brincando.

MATTHEW
Com uma voz de sereia.
(O gringo se meteu no assunto delas.)

(CONTINUED)

JANAÍNA

Seu amigo?

LUANA

Velho amigo. Essa é a Janaína.
(Diz para o gringo.)

MATTHEW

É cantora mesmo?

JANAÍNA

Sou nada. Gosto de cantar. Música
lava a alma, faz bem para o
coração.

MANU

Jana esta certa! Acho que a gente
deveria até beber uma pra
comemorar.
(Sugere animada e dá um pulo.)

LUANA

Você passa a vida inteira criando a
criatura para ser médica, ser
alguém centrada e na primeira vez
que você solta um pouquinho a
corda, ela se joga na buraqueira.

MANU

Ai que irmã mais dramática!
(Se aproxima e dá um beijo
estalado no rosto.)

MANU

Vem gringo, bora pegar as cervejas.
(Puxa Matthew com ela. Que sai
sorrindo da empolgação da
menina.)

JANAÍNA

Luana, sua irmã cresceu.

LUANA

Eu sei.
(Olha para onde manu ia.)

JANAÍNA

Sei que quer protegê-la, mas não
vai poder fazer isso para sempre.
Deixa ela voar.

(CONTINUED)

LUANA

Mas é que ela é tudo que eu tenho.

(Ela baixou um pouco a
cabeça.)

Ela é minha responsabilidade. Minha
irmãzinha.

JANAÍNA

Lua, olha para mim.

(Falou firme, mas doce.)

Você assumiu uma responsabilidade
para qual não estava pronta. Quando
seus pais morreram você ainda eram
jovem e cheia de sonhos, mas sua
irmão precisa de você, ela ainda
era frágil... o tempo passou,
manuela não é mais a menina que
dormia abraçada com você após a
morte dos seus pais. Ela cresceu,
já é uma mulher. Que olha para irmã
e vê um exemplo, uma referência na
mulher guerreira que você é...
Deixe a Manu lutar as próprias
batalhas agora. Volte a lutar a
sua.

LUANA

É como se você me conhece mais do
que eu me conheço. é estranho, mas
eu gosto. Me sinto bem... Jana,
você me lembra... uma mãe... porque
só uma mãe conhece um filho melhor
que ele mesmo.

JANAÍNA

É... eu sou uma mãe.

A CÂMERA FOCALIZA EM CLOSE A BOCA DE JANAÍNA, QUE FALA COMO
SE FOSSE UM SEGREDO.

JANAÍNA

Tenho muitos filhos.

FALA COMO EM SUSSURRO, MAS LUANA NÃO ESCUTA ESSA PARTE. É
COMO SE JANAÍNA FALASSE EM PLANO FANTÁSTICO. A CÂMERA VOLTA
PARA PLANO AMERICANO, LUANA QUE ESTAVA DE FRENTE PARA
JANAÍNA, VIRA OLHANDO NA DIREÇÃO DA IRMÃ, COM UM LEVE
SORRISO DE ORGULHO.

CENA 34

MÁRCIA

Edu!

(Pulou com tudo na frente do
namorado.)

EDU

Marcinha, onde você tava? Tava como
um louco te procurando.

MÁRCIA

Foi o chato do Olavo que me chamou.

EDU

O que o advogado mala queria agora?

MÁRCIA

Me regular, porque eu tou na
festa... e bebendo... e tenho que
tomar responsabilidade, já que
tenho um patrimônio para cuidar.

EDU

Oxe... é pra isso que tem
administrador. Eles trabalham por a
gente... e a gente curte.

(Ele puxa ela para um beijo)

Mas até que esse mala fez uma coisa
boa. Você volta mais solta...
Alegre.

MÁRCIA

Ah Edu... é dia de festa. E daí se
é de órixa ou não. Não vou ficar na
bad... Vou curtir e beber e ficar
com você.

(Dá uma mordida nele.)

EDU

Acho que a gente precisa viajar.

MÁRCIA

Assim do nada?

EDU

Do nada não. Você tá precisando
sair daqui um pouco. Sei lá...
vamos viajar... vamos pra Vegas.

MÁRCIA

Pra Vegas? Nossa... aí é que o mala
do Olavo vai me infernizar mesmo.

(CONTINUED)

EDU

Deixa o chato pra lá... melhor,
vamos zoar com a cara dele.

MÁRCIA

Só você mesmo pra ter essas ideias
malucas... Não sei se é bom eu sair
daqui agora não. Tá tudo muito
recente.

EDU

Por isso mesmo. Vai ficar aqui
nesse clima de funeral?

MÁRCIA

Dá pra gente falar disso depois?

EDU

Como você quiser.

MÁRCIA

Tou morrendo de fome.
(Levanta os braços como se
tivesse se rendendo.)

EDU

Bora lá no mercado do peixe.

MÁRCIA

Nem vem... passei em frente agora.
Aquilo tá um inferno, gente
demais... É capaz da gente pedir
algo pra comer e sair amanhã.

EDU

Rapaz... eu acho que falaram de um
lugar aqui que tava rolando uma
feijoada... Filipe que sabe, vem..
Ele tá ali perto da fila.

Os dois vão passando de mãos dadas pela multidão. Encontram
os amigos em uma das barruquinhas de lembranças.

JULIANA

Tava preocupada Marcinha. Sumiu no
meio da festa.

MÁRCIA

Coisa do advogado mala. Deixa pra
lá.

(CONTINUED)

EDU

Vocês vão pegar alguma coisa?

VITOR

Rapaz véi... acho que por agora não. Mais tarde quando eu tiver indo... não vou ficar carregando nada na festa.

MÁRCIA

Filipe, pra que lado é a feijoada. tou com fome.

FILIPE

Então vamo agora Marcinha. Também estou pra comer um boi. Vem por aqui ó.

(Vai abrindo caminho pela multidão e todos seguem o amigo.)

CENA 35

André come um acarajé, olha para a mãe e a avó que servem acarajé.

ANDRÉ

Olha painho ali de novo.

(Ver Joaquim se aproximar, ele estava com as bocas da calça levantadas e um pouco molhada, os pés sujos de areia.)

Achei que você só ia voltar na hora de pegar a gente.

JOAQUIM

Lembram do Ivan?

IVAN

Dona Vera. Dona Ana.

(Cumprimenta as duas com um aperto de mão.)

Cresceu muleque.

ANDRÉ

É lógico, encolher é que não dá.
(Trocaram um high five)

IVAN

É mesmo.

(CONTINUED)

JOAQUIM

Tou no barco do irmão do Ivan. É pequeno, mas dá pra matar saudades do mar.

VERA

Você esta mesmo com um ar melhor Joaquim.

JOAQUIM

Esse negócio de ficar longe do mar não me faz bem não. Ó passei para dizer que vou lá perguntar se posso ajudar no cortejo final. Aí depois vou lá pra baixo, pego o carro e venho buscar vocês. Ou melhor, vou deixar a chave aqui, manda o Diego pegar o carro lá, sei que ele consegue carona.

(Passa as chaves para ela).

ANA

Ta bom. divirta-se.
(Dá um beijo no marido.)

ANDRÉ

Eu posso ir painho?

JOAQUIM

É claro. termina esse acarajé aí... Aliás, eu acho que vou querer um.

IVAN

Eu também quero.

ANA

Pera aí que faço rapidinho. Hoje o movimento tá bom aqui.

(Começa a cortando o bolinho de acarajé.)

VERA

E já que o André vai sair, eu quero que ele chame a Joana ou Diego pra nos ajudar aqui. Se não a gente não da conta.

ANA

Vai querer pimenta Ivan?

IVAN

Com certeza. Acarajé não desce sem pimenta não.

(CONTINUED)

(Joaquim vai abrindo o isopor,
passa uma cerveja para o
amigo, mas fica no
refrigerante.)

CENA 36

Mestre Tuca volta a aparecer lutando no meio de uma roda.
dessa vez ele luta com outro mestre.

ARARA

Bora mestre Tuca!

VOADOR

Essa já é sua mestre Cobra!
(Grita um dos pupilos do outro
mestre. De um lado os pupilos
de Tuca torcem por ele, do
outro é a torcida do Cobra,
enquanto só dois jogam e se
divertem.)

CENA 37

Iemanjá anda pela multidão sorrindo e vê alguém parado na
sua frente.

OLODUMARÉ

Iemanjá!
(Ele mantém o olhar sério.)

JANAÍNA

Aqui é Janaína.
(Responde educadamente.)

OLODUMARÉ

Um dos seus muitos nomes.
(Caminha ao lado dela.)
Você está causando um furdunço
entre os outros orixás.

JANAÍNA

E já foram reclamar com o deus
supremo, né? Porque acho que seja
esse o único motivo para o grande
Olodumaré estar em minha frente.

OLODUMARÉ

Estão preocupados. É uma divindade
andando entre pessoas comuns.

(CONTINUED)

JANAÍNA

Tem medo que alguma dessas pessoas comuns descubra?

OLODUMARÉ

Tenho. Todo mundo tem. Você sabe que isso pode gerar um trabalho danado. Se uma dessas pessoas descobrem que você tá aqui... aí começa a cobrança nos outros. É melhor você voltar comigo.

(Ele tem a fala calma, um pouco preguiçosa.)

JANAÍNA

Relaxa! ... Esta tão bom aqui. Tudo no controle.

OLODUMARÉ

Eu acompanhei cada passo desde que você botou os pés aqui. E você não é exatamente discreta. Aliás, você é muito conhecida pela vaidade... Agora a pouco, esta no meio de um palco, cantando para multidão.

JANAÍNA

Pode dizer, eu arrasei num foi?

OLODUMARÉ

Olhe Ie...

(A fala fica mais rápida, ele vai falar o nome dela e para.)

Janaína, é melhor você voltar.

Daqui a pouco vai ficar um vai e vem de órixa e isso só vai dar dor de cabeça.

JANAÍNA

Vou nada. Sempre quis curtir minha festa, agora que tenho oportunidade, não simplesmente embora.

OLODUMARÉ

Tem uma festa te aguardando também. Você é cheia de filho que tá querendo comemorar essa festa do teu lado.

JANAÍNA

Mas eu tô com meus filhos aqui. Já viu com esse lugar tá cheio? Todos meus filhos.

(CONTINUED)

(Abre os braços se referindo aos filhos.)

OLODUMARÉ

É sério Janaína, vai dar trabalho controlar o vai e vem de orixás caso alguém suspeite que você é quem você é.

JANAÍNA

Alguém já desconfia.
(Afirma para ele.)

OLODUMARÉ

Segui todos seus passos e sei muito bem quem desconfia. Tenho medo das proporções que as coisas podem chegar.

JANAÍNA

Você esta exagerando. Todo mundo esta aqui curtindo a festa, até quem tá com problemas. Se mistura aí e curte um pouco também. Porque eu ainda tenho muito que aproveitar.
(Saiu deixando ele sozinho no vai e vem de pessoas.)

CENA 38

Tuca se aproximou do mercado do peixe e encontrou com Vanessa, ela estava com uma amiga. Ela levantou quando e deu um abraço nele.

TUCA

Não imaginei que encontraria você aqui.

VANESSA

E ficar em casa sofrendo? Eu precisava sair...
(Ele balançou a cabeça positivamente.)

TUCA

Oi Sandrinha.
(Falou com a amiga de Vanessa.)

SANDRINHA

Oi mestre. Senta com a gente.

TUCA

O que vocês pediram?

SANDRINHA

Nada. Chegamos agora e é difícil chamar alguém.

TUCA

É que tá cheio de gente aqui.

(Olha em volta.)

Vou procurar um garçom.

SANDRINHA

Fica aí que eu vou.

(Sai deixando ele com
Vanessa.)

VANESSA

Eu queria mesmo falar com você...
queria pegar algumas lembranças do
Peu. Se não se importar é claro.

TUCA

Você pode ir lá quando quiser. Tá
tudo arrumado como ele deixou. Só o
berimbau que dei para Iemanjá hoje.

VANESSA

É... ele bem que ia gostar disso
mesmo.

TUCA

A gente nem conversou depois do que
tudo aconteceu.

VANESSA

Eu não gosto de ficar lembrando
não...

(Ela abaixa a cabeça, toda vez
que lembrava de Peu, ficava
triste.)

Eu vim pedir para ela cuidar bem
dele. Iemanjá.

TUCA

Ela vai cuidar bem dele sim. Ela é
mãe.

OS DOIS CONVERSAM DE FRENTE UM PARA O OUTRO, A IMAGEM EM
PLANO AMERICANO, ELES FICAM SEM FOCO E O FOCO VAI PARA
JANAÍNA QUE OBSERVA A CENA DE LONGE.

(CONTINUED)

JANAÍNA

Peu está bem. Esta feliz e bem
cuidado... sempre lembra de vocês.
Cuida do dois e das crianças
silenciosamente.

ENQUANTO JANAÍNA FALA, A CÂMERA ESTA EM CLOSE NO SEU ROSTO E
TUDO FICA SILENCIOSO. VOLTA O PLANO AMERICANO E JANAÍNA É
DESFOCADA, TUCA E VANESSA VOLTAM PARA O FOCO. SANDRINHA
VOLTA PARA MESA.

SANDRINHA

Prontinho, já fiz nosso pedido.

CENA 39

MANU

Ô Lua, me dê sua câmera um pouco?
(Ela olha para irmã séria,
depois tira a câmera do
pescoço e passa para ela.)

LUANA

Ó, cuidado viu?

MANU

Pode deixar, eu fico na sua vista.
(Coloca a câmera no pescoço e
anda um pouco, desce as
escadas e fica nas pedras.)

MATTHEW

Ela fotografa também?

LUANA

Ela gosta, a gente se diverte
juntas.

MATTHEW

O que você fez quando voltou para o
Brasil?

LUANA

Me tornei jornalista. Fui demitida,
acabou, ficou no passado.

MATTHEW

Ainda quer fazer cinema?

LUANA

Agora ainda mais.

(CONTINUED)

MATTHEW

Yeah. é só o que preciso saber.
Works for me?

LUANA

Está falando sério, ou esta de
brincadeira com minha cara gringo?

MATTHEW

Luana, I need... alguém daqui. Que
conheça esse mundo, alguém que me
mostre os segredos, os mistérios. I
know you can help me.

(Toda vez que ele começa a
falar rápido, atrapalha
português e inglês.)

LUANA

Você disse que queria um romance?
(Vai descendo as escadas e
indo para as pedras.)
Mas que romance? O que você
realmente quer?

MATTHEW

Emotion.
(Diz rápido.)
Quero algo que as pessoas assistam
e que toque o coração.

LUANA

Diferente do que você já faz, pelo
o que eu me lembro, seus trabalhos
são bem elétricos.

MATTHEW

Eu também quero um pouco de ação.
Mas, quero sair um pouco do que
geralmente faço... Como Riddle
Scott quando fez Thelma and Louise,
é diferente do que ele sempre fez.

LUANA

Era um roteiro de uma mulher ali.

MATTHEW

YEAH. Help me.

LUANA

Tem um livro, um dos romances que
mais me emocionou quando eu li...
Mar Morto.

(CONTINUED)

MATTHEW

Não sei se uma adaptação seria bom.

LUANA

Só escuta.

A MÚSICA FORTE QUE TOCA AO FUNDO DIMINUI, OS DOIS FICAM EM FOCO EM UM PLANO GERAL. ELES ESTÃO EM CIMA DAS PEDRAS, A CÂMERA VISUALIZA OS DOIS E A MULTIDÃO AO FUNDO.

LUANA

Essa é uma história que sobre o mar, amor e morte. Conta sobre Guma, um menino que cresce na beira do cais, que logo cedo aprende a navegar. Guma é criado pelo tio, que já foi um grande pescador... Ele cresce amando e temendo o mar, amando e temendo Iemanjá. Em todo o livro, Iemanjá é descrita como a única que pode.

A NARRAÇÃO DE LUANA PARA, O PLANO MUDA PARA UM CLOSE NO ROSTO DE JANAÍNA, NÃO É MOSTRADO ONDE ELA ESTÁ.

JANAÍNA

A única que pode ser mãe e esposa ao mesmo tempo.

A CENA VOLTA PARA LUANA, EM PLANO MÉDIO E DE PERFIL.

LUANA

Guma é filho de uma prostituta. E quando ele conhece a mãe, acha que ela é na verdade uma mulher que seu tio tinha levado para que ele virasse homem... ele fica decepcionado porque desejou a mãe.

NOVAMENTE A CENA VAI PARA O CLOSE NO ROSTO DE JANAÍNA.

JANAÍNA

Orungã, meu filho, também me desejou uma vez.

VOLTA PARA LUANA, NOVAMENTE DE PERFIL, EM PLANO MÉDIO.

LUANA

Guma então pede para Iemanjá uma mulher pura, virgem... e anos depois ele conhece Livia... a família de Livia é contra o romance dos dois, então eles fojem, Livia

(MORE)

(CONTINUED)

LUANA (cont'd)
vai morar no cais com Guma, mas
sonha em sair dali. Não gosta
quando ele vai para o mar, porque
quando se vai para o mar, ninguém
sabe se você vai voltar ou vai
ficar nos braços de Iemanjá.

MATTHEW
Parece intenso, mas tem algo de
fantástico.

LUANA
Tem algo de fé. Uma crença em uma
força maior que a gente, maior que
nosso mundo. Uma força que vem das
águas e guia nossos destinos.

MATTHEW
Do you believe?

LUANA
I do.
(Olha para o a mar.)
Mais do que nunca.

CENA 40

Joaquim se aproxima de Beto.

JOAQUIM
Ô Beto!
(Chama a atenção dele.)

BETO
Joaquim, achei que não ia aparecer
hoje.
(Ficou surpreso ao ver o
amigo.)

JOAQUIM
Primeiro eu vim, mas fiquei sei
lá... meio sem lugar por aqui... eu
consegui um barco.
(Não quis prolongar a
conversa.)
É pequeno. Barco de quem só pesca
por esporte mesmo, mas é que eu
sempre ajudei no cortejo, não quero
ficar de fora esse ano.

(CONTINUED)

BETO

Fico feliz de ouvir isso. É claro que você pode participar do cortejo. É seu lugar.

(Joaquim sorri agradecido)

JOAQUIM

Eu vou voltar pro mar. Ver a festa de lá é mais bonito.

BETO

Pra um homem do mar, tudo fica mais bonito visto de lá.

(Dá um leve tapa nas costas dele.)

Vai lá meu amigo.

(Joaquim sai de cena, andando entre as pessoas.)

CENA 41

Márcia se distancia dos amigos e compra algumas rosas. Ela caminha até as pedras, um pouco para longe de onde as pessoas se concentravam e joga as rosas no mar.

JANAÍNA

É sempre tempo de acreditar.

(A garota olha para a estranha.)

MÁRCIA

Não vi você aí.

JANAÍNA

Vi você se aproximando... aí resolvi vir falar contigo.

MÁRCIA

É mesmo?

(Duvida daquela estranha.)

JANAÍNA

Lembro de um foto sua no jornal. No dia do enterro do seu pai.

MÁRCIA

E se aproximou de mim... por que esta com pena? ... ou por que acha que sei lá... eu posso te conseguir alguma coisa?

(Vai falando com pausas.)

Muita gente se aproximou de mim com pena. Outras eram mais diretas e já

(MORE)

(CONTINUED)

MÁRCIA (cont'd)
falam: "agora que vai assumir os
negócios do seu pai, não pode
conseguir uma coisinha aqui e ali
para mim?"

JANAÍNA
Não quero teu dinheiro e também não
estou com pena. Quero ajudar.

MÁRCIA
Não me conhece... nem tem porque me
ajudar.

JANAÍNA
Você esta perdida menina.

MÁRCIA
E você sabe exatamente o que eu
preciso?
(Ela fala com uma certa
ironia.)

JANAÍNA
Nunca ouviu dizer que as mães sabem
exatamente o que os filhos
precisam?

MÁRCIA
Mas não é minha mãe.

JANAÍNA
Não, mas uma mãe conhece uma
criança quando precisa de ajuda.

MÁRCIA
Esse seu jeito de falar me incomoda
sabia... não sei, parece que você
se sente superior. Afinal, quem é
você?

JANAÍNA
Janaína.
(Falou calma.)

MÁRCIA
Muito bem Janaína...
(Se aproxima dela.)
Por que não me fala exatamente o
que quer? Sem enigmas ou conversas
sobre mães e blá blá blá.

JANAÍNA

Para Márcia!

(Fala como uma mãe que reclama a filha)

Pára de se queixar. Pára de tentar achar um culpado por tudo que te aconteceu. Para de tentar fugir e encara a realidade... seu pai se foi e você está com medo.

(Márcia fica parada, ela se incomoda com o que Janaína vai falando, mas não responde.)

Não tem problema em pedir ajuda. Não tem problema em assumir que esta com medo e assustada. Você perguntou o que eu quero, vou te dizer o que é... eu quero saber exatamente o que sente, exatamente o que você quer... eu quero saber sobre você.

AS DUAS ESTAVAM PARADAS DE FRENTE UMA PARA OUTRA EM PLANO MÉDIO. CORTE SECO. AS DUAS APARECEM SENTADAS NAS PEDRAS O PLANO É GERAL.

MÁRCIA

Ninguém me perguntou isso. As pessoas já vem falando com pena. "Eu posso imaginar o que você esta sentindo" sabe?... Ninguém sabe.

PLANO PRÓXIMO NO ROSTO DELA. QUE ORA OLHA PARA JANAÍNA E ORA PARA O MAR.

MÁRCIA

Eu só tinha ele... E eu sinto raiva. Raiva dele.

(Janaína não fala, deixa ela falar.)

Meu pai sempre gostou de beber, sempre bebeu demais. Depois que minha mãe morreu ele passou a beber ainda mais, era como ele lidava com a perda. E olha onde ele chegou. Tá morto. E eu aqui... sozinha, sem mais ninguém.

(Existia mais raiva do que tristeza na voz dela.)

E tem aquele advogado que só pensa em dinheiro... fica me azucrinando por causa do patrimônio que meu pai deixou... O que eu vou fazer com isso tudo, se eu não sei nem o que fazer comigo?

(CONTINUED)

JANAÍNA

Você nunca se preocupou com nada,
 porque sabia que teu pai ia tá lá
 sempre para você. Pra te proteger,
 pra te dar vida boa, pra te guiar.
 Nunca pensou em algo por si
 mesma... Me diz, o que você gosta?
 (A garota fica em silêncio um
 tempo.)

MÁRICA

Festa. Música. Ver filmes. Ir na
 academia. Fazer compras. Dormir.
 (Vai listando as coisa
 pausadamente.)
 Cozinhar. Eu gosto de cozinhar.
 Aprendi com minha babá, ficava do
 lado dela, quando ela fazia minha
 comida... aí depois de um tempo, eu
 ia para cozinha e sempre a gente
 sempre fazia algo juntas.
 (Sorrir com as lembranças.)

JANAÍNA

Tem alguma coisa que você tem
 vontade de fazer e nunca fez?
 (Antes que ela responda
 Janaína falava de novo.)
 Acho que é hora de tentar. Arrisca
 menina. Faça algo por você.
 (Janaína levanta olha para o
 mar.)
 A rosa que você jogou, tenho
 certeza que é uma das mais
 especiais.

MÁRCIA

Ô dona sabe tudo... isso você não
 pode dizer.
 (Levanta rindo e fala com
 graça.)

JANAÍNA

Posso sim. Pelo menos eu iria achar
 uma das mais especiais.

MÁRCIA

Taí, isso é interessante.

JANAÍNA

Ahh, você tava aí toda perdidona...
 Te vi várias vezes durante a festa
 virando umas garrafas aí.

(CONTINUED)

MÁRCIA

Te disse que gosto de festa. E gosto de beber em festa. Festa open bar eu não perco, provavelmente eu ainda vou beber mais um pouco.

(Ela parou um instante.)

É... eu reclamei do meu pai e agora estou bebendo demais.

JANAÍNA

Você ainda pode mudar isso. É nova. Se tentar, consegue.

MÁRCIA

Tantas pessoas que eu conheci e que me cercaram nesse momento, só serviu pra me deixar pior. Valeu estranha.

(Janaína se aproximou e abraçou a menina. Márcia sorriu sincera.)

CENA 42

Tuca se reúne com alguns dos seus lutadores.

TUCA

Daqui a pouco dá quatro horas. Vamos fazer a última apresentação?

DADO

Já sabe qual das crianças vai?

TUCA

Côco e Guerreiro.

DADO

Vou preparar os dois.

Enquanto Dado que era o contra mestre chamava os meninos, a roda ia sendo montada. Logo os dois meninos chegam ansiosos, eles abrem espaços e Tuca começa com a música e os meninos dançam no centro. A multidão começa a circular, muitos com celulares na mão filmando e tirando fotos.

MATTHEW

Capoeira. I like.

(Disse ao lado de Luana enquanto observava a apresentação.)

(CONTINUED)

MANU

Eu e a Lua fizemos capoeira. Mas,
isso já tem tempo.

LUANA

Bota tempo nisso. Acho que nem sei
mais como levantar a perna.
(Elas gargalharam juntas e se
abraçaram, continuaram vendo a
roda)

Márcia também observava a roda, Eduardo e os amigos chegam.

EDU

Sumiu de novo Marcinha. Assim não
dá... Pô véi, avisa.
(Ela balança a cabeça
positivamente e volta a olhar
para a roda.)

MÁRCIA

Agora não Edu. E ó, não me espera
não.

EDU

Como?

MÁRCIA

Tenho umas coisas pra resolver, não
vou voltar contigo.

EDU

Então, me liga depois.
(deu um selinho nela e saiu.)

Depois das crianças, é a vez de mestre Tuca e seu contra
mestre Dado entrarem na roda. A roda fica ainda mais
empolgante e o pessoal que assiste fica mais encantado.

CENA 43

MÁRCIA

Mestre!
(Ela fala alto, para chamar a
atenção dele.)

TUCA

Oi?
(Fala receoso, conhece a
menina pelas fotos dos
jornais.)

(CONTINUED)

MÁRCIA

Muito massa a luta.

TUCA

Obrigado.
(Vai se desarmando.)

MÁRICA

Sabe, eu sempre achei capoeira bonita. Mas, nunca procurei saber nada sobre a capoeira.
(Ela vai falando com cuidado.)

TUCA

Tem vontade de aprender?

MÁRCIA

Tenho.
(Falava como se tirasse um peso das costas. E ele sorri.)
Mestre...
(Ela se aproxima dele.)
O seu irmão... eu sinto muito.
(Fala sincera e um pouco envergonhada.)

TUCA

Eu também sinto muito pelo seu pai... Poderia até ser engraço se não fosse trágico... Duas pessoas totalmente diferentes, mundo diferentes e o mesmo fim triste, no mesmo acidente.

MÁRCIA

Tudo o que eu senti, tudo que eu sinto depois disso tudo que aconteceu, é deslocamento.
(Ela olha para frente mas não foca em nada.)
Quando eu vi a roda ali, tive uma sensação boa... Vocês tem uma harmonia muito grande.

TUCA

Capoeira é mais que um esporte, mais que uma dança. A gente tem uma filosofia, sabe? É de ajudar na formação das pessoas, de seus valores, contribuir com a sociedade, uma sociedade melhor. ... É verdade que é uma luta, mas
(MORE)

(CONTINUED)

TUCA (cont'd)

uma luta pela sobrevivência, pela paz, pra achar um lugar nosso.

(Márcia vai ouvindo

atentamente as palavras dele.)

Na capoeira somos uma família. É companheirismo, cumplicidade, ela fortifica os laços dos seres humanos. ... Tem muito lugar que eu conheci por esse Brasil afora por causa da capoeira. ... Teve uma vez que eu fui lá pro Rio com meu irmão, ia ter um evento... a gente não tinha lugar pra ficar nem nada, mesmo a gente entrou no ônibus e fomos. ... Quando a gente chegou lá, não tinha nem lugar pra ficar, mas aí entra o que eu te falei, de ser uma família, sabe? ... Da gente não conhecer ninguém, mesmo assim ser recebido de braços abertos. Porque é isso, é essa harmonia que você falou que sentiu.

MÁRCIA

Vocês foram sem nada, sem conhecer ninguém e conseguiram lugar pra ficar?

TUCA

É. É tudo com uma grande irmandade, um ajudando o outro.

MÁRCIA

Onde você dá aula?

TUCA

Tem uma academia na Barra e tem um projeto social lá no Pelô. É pra criança carente.

MÁRCIA

Vamos fazer assim. Eu pago, o que um aluno paga na academia. ... Mas eu gostaria de ir lá pro Pelô. ... Eu preciso disso mestre, de um lugar que eu tenha mais contado com o ser humano. E o pouco que eu sei sobre projetos sociais é que a integração é enorme.

(CONTINUED)

TUCA

Eu fico muito feliz de ouvir isso.
E você é muito bem vinda.

MÁRCIA

Obrigada mestre.

A conversa com ele dura mais um pouco, mas não ouvimos, a música de fundo aumenta.

CENA 44

Perto das quatro, vemos os barcos se preparando para irem para o mar. O andô com muito cuidado é lenvnado, a imagem é mostrada em contra plongée. Enquanto eles caminham com a imagem até os barcos, vemos imagens aerias de toda a praia. Balaios com oferendas são levados para os barcos. Nas areias, os barcos menores recebem os balaios para levar até os barcos maiores. Muitas pessoas ainda jogam flores na água. Mães de santo, pais de santo, pescadores, todos ocupam os barcos que saem pelo mar. Joaquim conduz sorridente o barco pequeno carregado de flores. Ele olha para o filho feliz, os dois acompanham as músicas cantadas como em um grande coral.

CENA 45

Na praia, Luana e Matthew tiram fotos, Manu junto com a multidão observa os barcos indo na direção do horizonte. Márcia se aproxima dela, vai devagar.

MÁRCIA

Oi?!

LUANA

Oi.

(Responde de forma seca.)

MÁRCIA

Sei que você deve me odiar...

(Corta a fala dela.)

LUANA

Não te odeio. É um sentimento intenso para dedicar para você.

Matthew e Manu percebem a tensão, ela faz um sinal com a cabeça para eles se afastarem um pouco.

LUANA

Diz logo, o que você quer menina?
... Veio me ameaçar de mais alguma
coisa? Não se contentou em me fazer
perder o emprego?

MÁRCIA

Posso falar com o dono do jornal.
Reparar o que fiz.

LUANA

Que se dane aquele trabalho. Nunca
foi o que eu quis mesmo. Mas isso
não te dá o direito de interferir
na vida de alguém da forma como
fiz. ... Eu tenho
responsabilidades, compromissos,
tenho que batalhar no dia a dia
para viver e ajudar minha irmã.
Você tem tudo, mas não parece ser
digna do que tem. Não com atitudes
como a sua.

MÁRCIA

Não me conhece. Não pode falar do
que eu sou digna ou não. O que você
sabe da minha vida?
(Márcia fica nervosa, se
aproxima de Luana como quem
vai para uma briga, a outra
segue o mesmo movimento.)

LUANA

E tem algo para conhecer. Basta
olhar para você e vê que tem uma
vidinha previsível, sem
preocupações.
(Elas se provocam.)

MÁRCIA

Você esta me julgando. Eu errei e
estou tentando reparar meu erro,
fazer algo bom. Mas você está tão
cheia de mágoa.

LUANA

Pronto, virei a vilã e você a
mocinha.

Manu observa a irmã se descontrolando.

(CONTINUED)

MANU

Eu nunca vi Luana desse jeito.

MATTHEW

Quem é a menina?

MANU

Foi por causa dela que a Luana perdeu o emprego. Ela ameaçou processar o jornal que Lua trabalhava por causa de uma reportagem.

(Janaína também observa a briga e caminha na direção das duas.)

MÁRCIA

Eu posso te ajudar!
(Ela grita.)

LUANA

Ajuda sua? Se sai garota. Tá vendo que eu não vou aceitar.

MÁRCIA

Deixa o orgulho de lado. Você não disse que tem compromissos? Pra que bancar a boazona agora?

JANAÍNA

Meninas?
(Interrompe a discussão.)

LUANA

Jana, agora não é uma boa hora.

JANAÍNA

Agora é exatamente a hora. ...
Vocês são melhores que isso.
Discutindo na rua, no meio da festa.

LUANA

Tem razão, melhor parar. Até porque eu tou sentindo o cheiro de álcool dela daqui.

MÁRCIA

Olha aqui...

JANAÍNA

Chega! Chega!
(Grita e passa a mão nos cabelos, como uma mãe que

(CONTINUED)

tenta separar a briga dos
filhos.)

Olhem só... As duas tem gênios
fortes, todo mundo já entendeu.

(Olha exclusivamente para
Luana, que virou e ficou
olhando para ela de perfil,
evitando olhar para Márcia.)

Você esta magoada, eu sei. Eu
também estaria se alguém me
ferrasse com a Márcia fez contigo.
Mas, Lua você já passou por uma
situação parecida com a dela. De
perder os pais, de ficar sem norte.
A diferença é que você tinha
alguém, a Manu. E foi na tua irmã
que você fez sua força. ... Mas, a
Márcia perdeu todo mundo. Ela
precisa de um motivo para se
reerguer. E parece que está
procurando.

(Olhou para Márcia que
concordou com ela.)

Vocês tem muito mais em comum do
que imaginam. E uma pode sim ajudar
a outra.

(Elas ouviam Janaína como
quem ouvem uma mãe.)

MÁRCIA

Só quero me redimir. Por favor, se
tiver alguma coisa em que eu possa
te ajudar, me fala. Errei muito
contigo.

(Luana que estava de lado,
firou de frente para ela.)

LUANA

Não sei se poderia.

JANAÍNA

Poderia sim. Agora ela esta em
frente de uma grande companhia. Ter
o nome dela envolvida no projeto
seu e de seu amigo gringo ali.

(Apontou para Matthew.)

Ajudaria a vocês conseguirem mais
espaços.

MÁRCIA

Que projeto?

LUANA

Um filme.

MÁRCIA

Gosto de cinema. Me procura. Eu moro ali no corredor da Vitória, tem uma padaria ali, pequena, vai com seu amigo gringo lá, amanhã no fim da tarde.

(Luana apenas fez que sim com a cabeça e Janaína sorriu em aprovação.)

JANAÍNA

É isso aí, minha meninas.

CENA 46

Diego terminou de botar as coisas no carro. O sol já estava indo embora. Vera e Ana entraram no carro.

VERA

As vendas foram ótimas.

ANA

Acho que agora já dá pra o Joaquim começar o conserto do barco.

DIEGO LIGOU O RÁDIO DO CARRO E SAÍRAM. ENQUANTO DIEGO VAI EM DIREÇÃO A CIDADE BAIXA, A CÂMERA SEGUE COM O CARRO, PEGANDO IMAGENS EM PLANO GERAL DO CARRO E DO FLUXO DE PESSOA QUE SAEM DO RIO VERMELHO EM DIREÇÃO AS SUAS CASAS.

CENA 47

Luana e Manuela caminham de volta ao prédio, Matthew acompanha as duas. Elas param na entrada e Manu se despede dele com um abraço.

MANU

Aparece aí depois gringo.

MATTHEW

Of course.

(Ela entra no prédio, deixando ele e Luana.)

LUANA

Foi bom te encontrar gringo. Vai ficar aqui até quando?

(CONTINUED)

MATTHEW

Semana que vem viajo, mas vai ser apenas para me organizar. I will be back soon. ... Temos um filme para fazer.

LUANA

Vai tá aqui no carnaval?

MATTHEW

I hope so. ... Tenho muita coisa para conhecer.

LUANA

Verdade. Amanhã a gente se vê.
(Dá um abraço nele.)

MATTHEW

Que horas eu passo aqui?

LUANA

Hora nenhuma. Eu passo lá no hotel, fica melhor para gente ir de lá. Mas, na volta você pode passar aqui. ... Manu vai adorar.

Ela diz enquanto fecha o portão. Eles acenam um para o outro e Luana entra no prédio pequeno, sobe as escadas e entra no pequeno apartamento que fica no primeiro andar. Ela vai até o quarto e bota a câmera na cama, volta no corredor e vê que Manu esta no banho e cantando, sorri. Ela sai do quarto e sai do prédio mais uma vez.

CENA 48

Assim que Joaquim sai do posto, ele vê uma garota encostada num táxi, ela anda na direção dele. Ele reconheci Márcia.

JOAQUIM

Pode ir pra casa. Eu já chego lá.
(Diz ao filho mais novo.)

ANDRÉ

Tá bom painho.
(O menino vai andando no meio da ciclo faixa.)

JOAQUIM

Tou curioso. ... O que fez você descer pra cá?

(CONTINUED)

MÁRCIA

Um pedido de desculpas, acho que te devo isso.

JOAQUIM

Não deve não. Não tá fácil pra ninguém menina. E no meio disso tudo, não tem ninguém certo ou errado.

MÁRCIA

Tudo que aconteceu foi uma tragédia. Mas, essa tragédia acabou juntando vidas diferentes.

(Ela observa em volta.)

Tive pouca vezes aqui na Ribeira. Algumas festas e o sorvete que eu amo. Tou indo tomar um, vem comigo.

(Ele apenas acenta com a cabeça, vê a garota pagando o táxi e depois eles entram na sorveteria.)

Quero um de baunilha, duas bolas.

(Diz para menina no caixa.)

Vai querer de quê?

(Olha para Joaquim.)

JOAQUIM

Côco, uma bola só.

MÁRCIA

No débito.

(Diz entregam o cartão e digita a senha na máquina.

Eles pegam o sorvete no balcão e sentam na mesa.)

Lá no mar, como foi que aconteceu?

(Ele olha sem entender.)

Quando meu pai bateu no seu barco.

(Explica.)

JOAQUIM

Foi rápido, só vi que ele não tinha controle do jet ski. ... Quando bateu no barco, eu cai na água, por isso não morri com a explosão.

MÁRCIA

É difícil aceitar que ele provocou a própria morte.

JOAQUIM

Deve ser mesmo. ... Me diz, o seu nome, eu não lembro.

MÁRCIA

Márcia.

JOAQUIM

Joaquim.

(Estende a mão para ela.)

MÁRCIA

Você perdeu seu meio de sustento, vou ficar feliz em pagar o concerto do seu barco.

JOAQUIM

Eu podia recusar, dizer que vou dá um jeito. ... Mas, acontece que não sei como vou sustentar minha família. Então, não vou bancar o orgulhoso não. Eu aceito.

MÁRCIA

Bom. Pode ir procurando alguém que você confie, volto aqui ainda essa semana pra gente acertar tudo.

JOAQUIM

Eu também tenho uma coisa pra você.

MÁRCIA

Mesmo?

JOAQUIM

Quando você quiser alguém para conversar, ou dar uma volta no mar pra relaxar, pode vir me procurar.

MÁRCIA

Obrigada.

JOAQUIM

Relaxe. ... Até porque você que disse, essa tragédia nos uniu.

Eles continuam o sorvete e a conversa, enquanto a câmera vai saindo da sorveteria com uma música tocando.

CENA 49

Tuca solta do ônibus e vai andando, leva seu berimbau nas costas, passa pelo elevador Lacerda, pela Praça da Sé, segue na direção do terreiro de Jesus, vai cumprimento quem ele vê no caminho. Chegam no Largo Tereza Batista e vê uns amigos cantando por ali, sorridente ele se junta a cantoria, enquanto toca seu berimbau.

CENA 50

Luana chega perto da praia, observa a casa de Iemanjá, depois desce até a areia. A maré esta alta.

LUANA

Vim me despedir.

JANAÍNA

Eu sei. Sabia que seria você a voltar.

LUANA

Como isso é possível? Você estar aqui?

JANAÍNA

É minha festa.

(Sorrir para ela.)

E vocês precisavam de mim.

LUANA

Isso parece loucura para mim. ... Mas, fiquei feliz. Depois que perdi minha mãe, nunca imaginei encontrar carinho maternal de novo e você me deu isso hoje.

JANAÍNA

É minha filha Luana. Todos são.

LUANA

Você volta quando?

JANAÍNA

Não sei. Mas mesmo Olodumaré não gostando da ideia, eu vou voltar e outros virão também.

(Luana se aproxima e a abraça.)

(CONTINUED)

LUANA

Odojá minha mãe.

JANAÍNA

Odojá.

(Elas disfazem o abraço e Luana caminha até a escada deixando a praia, enquanto sobe as escadas ela canta.)

LUANA

"De noite a solidão vem me assaltar
De noite canto mais alto para não
chorar
De dia a saudade quer me acordar
mais cedo
Mas quem me conhece aprende a me
esperar"

(Ainda tem um senhor vendendo flores, ela entrega o dinheiro e pega uma rosa, entra na casinha.)

"Eu nasci de noite filha de uma estrela

A sereia canta só para me ninar
Eu cresci na noite como a lua cheia
Afastando nuvens pra te iluminar."

(Luana abaixa e coloca a rosa num vazinho e olha para as imagens.)

"Água de cheiro para Iemanjá
A onda vai para depois voltar
Larguei meus sonhos em alto mar
Quem me conhece aprende a me
esperar

Larguei meus sonhos em alto mar"

(Luana levanta e deixa a casinha.)

CENA 51

Janaína olha para o céu, limpo, cheio de estrelas, fecha os olhos e vai entrando na água, ela está focalizada em plano médio que vai se abrindo para um plano geral, toca a música Lenda das Sereias. Com a água na cintura ela mergulha.

INT. FUNDO DO MAR

Janaína vai nadando, vai se distanciando da praia, voltando a ser Iemanjá mergulhando mais fundo, ao seu redor, o oceano fica coberto de pétalas de flores e Iemanjá sorri.

FIM